

Banca em Análise

Performance anual do sector em Angola

Os desafios do presente
São as bases do futuro

Outubro 2013





As bases do futuro

É com enorme prazer que apresentamos a 8ª edição do estudo Banca em Análise. Esta iniciativa é resultado da compilação e análise das informações financeiras dos bancos que operam em Angola e pretende oferecer aos agentes económicos uma reflexão sobre os desafios do presente, a evolução da economia e uma antecipação do futuro.

Em 2012 voltámos a observar o crescimento do sector bancário nacional, em resposta ao investimento realizado pelos agentes do sector em anos recentes. Um dos aspectos mais relevantes foi o aumento expressivo do crédito a clientes, na ordem dos 26%. Para este facto contribui a confiança no Kwanza, reforçada pela estabilidade cambial, que tem sido fundamental para a prossecução de uma política de desenvolvimento do crédito concedido em moeda nacional.

Não obstante este resultado positivo, verificou-se uma redução da rentabilidade, natural num mercado em amadurecimento. Para este facto contribuem diversas causas, associadas aos investimentos que os bancos estão a fazer nos seus processos de expansão e de crescimento orgânico, mas também a um mercado em evolução. O estreitamento da margem financeira e o aumento das provisões para crédito concedido são elementos novos, para os quais o sistema bancário está a encontrar respostas.

Os resultados atrás referidos são alcançados num momento em que a economia angolana acelerou o seu ritmo de crescimento, passando dos 3,4% apresentados em 2011, para cerca de 8% em 2012. São sinais da vitalidade e do progresso de Angola, que se mantém na rota do crescimento sustentado, procurando o acesso aos mercados financeiros internacionais e a credibilidade necessária para a estabilidade do sistema financeiro e da moeda.

Mas olhar apenas para dentro não é suficiente para preparar o futuro. É importante observar o mercado e reflectir sobre o envolvimento global. A economia mundial, muito fragilizada, ainda não estabilizou e os mercados emergentes registaram algum abrandamento. Em Angola, os desafios do crescimento económico estão associados à diversificação da economia e à aceleração do processo de inclusão financeira, um termo cada vez mais familiar. São estes os processos que vão permitir o fortalecimento do sistema financeiro a médio/longo prazo.

Os desafios do presente serão, sem dúvida, as bases do futuro.

Rui Santos Silva
Country Managing Partner

Nesta edição

6



8



10



Banca em Análise 2013

6

Nota introdutória

Governador do Banco Nacional de Angola, José de Lima Massano

8

Entrevista à Associação Angolana de Bancos

Presidente da ABANC, Amílcar Azevedo da Silva

10

Entrevistas a líderes do sector bancário

A análise do sector e as tendências comentadas pelos gestores de topo dos bancos a operar no mercado angolano

46

Enquadramento macroeconómico

A economia mundial continua a enfrentar um período conturbado. No entanto, o mundo apresenta hoje melhores perspectivas de crescimento económico que há um ano atrás.

52

Enquadramento economia angolana

A economia angolana acelerou o seu ritmo de crescimento, passando dos 3,4% apresentados em 2011 para cerca de 8% em 2012. Prevê-se que esta evolução se mantenha nos próximos anos, perspectivando-se para 2013 um crescimento de 7,2% e de 7,5% para 2014.

58

Estudo da Banca em Análise 2013

A evolução do sector bancário acompanhou a dinâmica de crescimento económico. O impacto da actividade do sector petrolífero, o novo regime cambial e os mecanismos de supervisão influenciaram o desenvolvimento do sector.

73

Demonstrações financeiras



46



Enquadramento
macroeconómico

52

Enquadramento
economia angolana



58

Estudo da Banca
em Análise 2013



73



Demonstrações
financeiras

Nota introdutória

Banco Nacional de Angola



José de Lima Massano
Governador do Banco Nacional
de Angola

Maior enfoque à formação de capital humano, melhoria dos processos de gestão de risco, adaptação às regras de *compliance* e governação corporativa e o desenvolvimento de programas que concorram para o aumento da literacia financeira devem fazer parte da agenda dos gestores bancários.

No período que mediou entre Janeiro de 2012 e Junho de 2013, a actividade bancária continuou a expandir-se com a abertura de agências e dependências a nível nacional revelando uma melhoria nos níveis de bancarização e índices de crescimento dos agregados monetários favoráveis, ao mesmo tempo que os níveis de solvência do sistema se mantiveram sólidos.

Na generalidade, o sistema bancário angolano continua a demonstrar capitalização adequada para suportar os riscos económicos e financeiros, em decorrência da acumulação das reservas e dos resultados transitados, como demonstram o rácio de solvabilidade a Junho de 2013 – de 17,98% – confortavelmente superior ao mínimo exigido de 10%.

Em Junho de 2013, tivemos um crescimento mais moderado do activo do sistema bancário em torno de 6,19% contra 11,9% no período homólogo, praticamente associado ao aumento ligeiro do crédito à economia. Do lado do passivo, os depósitos cresceram 15,66%, ligeiramente abaixo da sua evolução no período homólogo. Este contexto justificou um curso de política monetária menos restritiva, evidenciado pela redução do coeficiente de reservas obrigatórias em moeda nacional de 20% para 15%, logo no início do segundo semestre de 2013.

A adequação do normativa vai prosseguir com o sentido de construção de um sistema financeiro mais sólido e competitivo, mas também melhor preparado para servir os desafios de diversificação que se colocam a economia nacional.

Por isso, maior enfoque à formação de capital humano, melhoria dos processos de gestão de risco, adaptação às regras de *compliance* e governação corporativa e o desenvolvimento de programas que concorram para o aumento da literacia financeira devem fazer parte da agenda dos gestores bancários.

ABANC

Instrumento privilegiado e essencial para o crescimento do País



Amílcar Azevedo da Silva
Presidente da Associação
Angolana de Bancos (ABANC)

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

Globalmente, no exercício de 2012, houve uma queda nos resultados, que não surpreende, se tivermos em conta: (a) Subida do crédito em mora em valores acentuados, (b) Novas disposições estabelecidas pelo BNA a impor regras que afectaram, de forma acrescida, as provisões a que os Bancos ficam sujeitos, (c) Queda, progressiva, das taxas de juro, em função da taxa de inflação, bem como dos *spreads* de operações bancárias, fruto da concorrência que, aos vários níveis, se vai tornando agressiva.

O facto de ter havida uma retracção nos pagamentos do Estado, afectou a actividade de alguns bancos e, consequentemente, os seus resultados.

Apesar disto, não houve decréscimo da actividade. Os depósitos e o crédito subiram acima do crescimento do PIB, bem como as operações cambiais que se situaram em níveis interessantes, factores que permitiram manter solidez dos bancos.

Durante o 1º Semestre de 2013, os resultados melhoraram, ainda que muito ligeiramente, mas indicaram um 2º Semestre com maior evidência.

Note-se que, neste período do presente ano, voltou a haver um movimento de provisões elevado, acima do total registado em 2012.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

Não deixo de salientar três acontecimentos: A Nova Lei Cambial para o Sector Petrolífero, com os reflexos positivos daí advenientes; a queda da taxa de inflação para um valor de um só dígito, pelo seu simbolismo e influência na actividade económica; a legislação publicada pelo BNA, em quantidade e qualidade, modernizando o sistema bancário.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

A Abanc desenvolveu, no período em apreciação, um intenso e profícuo trabalho, enquanto parceiro do Estado, mormente do BNA, sobre a inserção da nova legislação no mercado. Tratou-se dum trabalho demonstrativo da maturidade dos bancos, facto que proporcionou enorme coesão entre eles em torno de assuntos tão importantes para a sua actividade.

Para além disso, o comportamento do sistema bancário em torno da implantação da nova Lei Cambial para o Sector Petrolífero, de elevada responsabilidade e profissionalismo para o qual a Abanc também foi parceiro, contribuiu para o conhecimento mais abrangente sobre a capacidade dos bancos.

Também neste período, a Abanc iniciou a elaboração do seu primeiro relatório, cobrindo a actividade bancária de 2007/11, que irá prosseguir no documento que cobre uma lacuna que estava em aberto e cuja elaboração me parece muito bem conseguida.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

Trata-se dum projecto de elevada importância. O BNA assumiu, de forma natural, a sua liderança secundado por um grupo de bancos, que têm conhecido uma adesão acima do esperado contribuindo, desse modo, para a promoção de uma cultura financeira, mais vincada, condutora de um relacionamento mais transparente entre a Banca e a Sociedade.

A Banca continuará a constituir, um instrumento privilegiado e essencial para o crescimento do País, na procura da melhoria dum ambiente económico mais favorável e que proporcione o interesse dos investidores.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

Estamos a concluir, a nível da Abanc, um trabalho credível sobre a actualização da taxa de bancarização no seguimento do que fizemos em 2010. Apesar de ainda não estar concluído, os números já apurados, através das diversas variáveis, ajustadas a um trabalho desta natureza, parecem surpreendentes, ao apontarem para um aumento considerável quando comparado ao concluído em 2010. Embora ainda aquém do necessário, estes são valores que detêm já uma grande importância. Porém já muito importante.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

A Banca continuará a constituir um instrumento privilegiado e essencial para o crescimento do País, na procura da melhoria de um ambiente económico mais favorável e que proporcione interesse aos investidores melhorando, concomitantemente, o acesso ao crédito e a sua remuneração. Desta forma, é aberto espaço para uma participação mais elevada dos bancos na diversificação da economia.

A procura de fontes alternativas de financiamento merecerá, por parte dos bancos, inusitado interesse, bem como a sua participação crescente e abrangente no financiamento ao Estado.

Banco Angolano de Investimento

Foco nos segmentos de maior valor



Mário Barber
Presidente da
Comissão Executiva

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

Em 2012 registou-se uma diminuição, em termos anuais, de 32% dos resultados do sector bancário. O sector financeiro foi alvo de uma conjuntura económica menos favorável que afectou o ambiente de negócio e por conseguinte a actividade bancária e a rentabilidade dos bancos.

Vários factores concorreram para a diminuição dos resultados nomeadamente: a contínua redução de taxas de juros de instrumentos de aplicação de liquidez, sobretudo títulos da dívida pública e títulos do banco central; o aumento das provisões para fazer face à subida do crédito mal parado; a redução do volume de negócios em consequência da reduzida actividade económica verificada nos anos precedentes; aumento de custos operacionais de exploração; incremento da regulamentação; e a consolidação do processo de desdolarização da economia.

Refira-se que na primeira metade de 2013, a conjuntura económica não se alterou substancialmente, pelo que os factores conjunturais que condicionaram a actividade dos bancos em 2012 permaneceram constantes durante o período citado.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

Após 3 anos consecutivos de baixa actividade económica, o crescimento económico acima dos 7% em 2012 é certamente um acontecimento importante para a economia nacional. Paralelamente, destaque deve igualmente ser dado à introdução do novo regime cambial para o sector petrolífero, que encerra em si uma panóplia de oportunidades e desafios para o sistema financeiro, em particular, e para a economia, em geral. Contudo, a redução da inflação para a casa de um dígito, em Agosto de 2012, é certamente um acontecimento de maior relevo por vários motivos, de entre os quais podemos destacar (i) a simples redução da subida de preços abaixo de uma marca histórica, (ii) as implicações positivas a nível nacional e internacional, face à capacidade demonstrada pelas autoridades, no uso de instrumentos de política monetária e cambial, para atingir um objectivo fundamental do governo e (iii) as implicações na redução da incerteza relativamente aos preços e na redução das taxas de juros de mercado.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

Para o sector bancário, o ano de 2012 foi marcado pela diminuição significativa dos resultados e da rentabilidade, apesar da manutenção da tendência de crescimento evidenciada pelo aumento dos activos líquidos e do volume de negócios.

Nesse contexto e num ambiente mais concorrencial e competitivo, o BAI manteve a posição de liderança em termos de volume de activos e de recursos de terceiros, mas viu reduzidos os seus resultados líquidos em 15%, apesar de ter registado um crescimento de 10% do produto bancário.

A redução do resultado do exercício é explicada pelo seguinte: (i) pelo aumento das provisões para crédito em 34%; (ii) pelo aumento dos custos administrativos (FSTs e Custos com o pessoal) em 16% e; (iii) e pelo crescimento em 144% dos encargos com o imposto industrial. Uma nota também para a continuação do esforço de expansão da rede comercial do BAI em Angola, passando o número de balcões de 106 em 2011 para 112 em 2012 e aumentando consequentemente o número e empregados de 1.526 para 1.747 no mesmo período. O número de clientes também registou um crescimento de 414.481 para 482.948.

Refira-se também que o banco BAI conquistou em 2012 dois prémios internacionais, nomeadamente, o prémio de melhor grupo bancário em Angola e o de melhor banco em Angola, atribuídos pela World Finance e Euromoney, respectivamente, em que foram destacados pelo júri o desempenho financeiro do BAI, a variedade de produtos e serviços e a cultura de organização corporativa da instituição. A nível nacional o BAI conquistou o prémio Prémio Sirius de melhor empresa do ano no sector financeiro, um dos mais prestigiados galardões no nosso país.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

O processo de inclusão financeira em Angola é uma das questões-chave no desenvolvimento do sistema bancário no país, bem como de toda a economia.

O Programa de Inclusão Financeira, que está a ser desenvolvido pelo Banco Nacional de Angola em parceria com os bancos comerciais, visa justamente aumentar a população bancarizada, bem como promover os níveis de conhecimentos da mesma acerca do sector bancário e dos vários produtos e soluções financeiras oferecidas. A colaboração dos bancos com o Estado envolve, dentre várias vertentes, a inclusão nas suas carteiras de clientes, de segmentos de renda mais baixa, criando soluções específicas e condições de acesso simplificadas para estas camadas importantes da nossa sociedade.

Existem ainda factores fora de controlo do BNA e dos bancos comerciais que têm dificultado o processo.

Entre os principais constrangimentos destacam-se o elevado nível de população não alfabetizada e um número considerável da população que não possui documentos necessários para abrir uma conta bancária. A concentração da actividade económica, sobretudo na província de Luanda, tem igualmente dificultado o processo de bancarização na medida em que a expansão geográfica dos bancos para certas províncias tem subjacente uma rentabilidade significativamente inferior. Dados recentes avançados pelo BNA apontam para uma taxa de bancarização na ordem de 22% em 2012 sendo previsível, segundo aqueles, que a mesma venha a atingir os 30% em 2013.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

O regime cambial do sector petrolífero veio i) aumentar o fluxo de transacções (compra e venda) de divisas no sistema financeiro angolano ii) aumentar a liquidez em moeda estrangeira no sistema e iii) obrigar à sofisticação das operações em termos de eficiência operacional.

Do ponto de vista do retorno, o aumento do fluxo de operações vai certamente traduzir-se no aumento das comissões pelo efeito de escala e obrigar a uma gestão muito apertada das operações cambiais associadas à intermediação pela Banca comercial nacional das operações de compra e venda de divisas pelo sector petrolífero.

Felizmente para a instituição e para o sistema financeiro em geral, o banco BAI tem feito um esforço de preparação para o efeito, pelo que a implementação do novo regime cambial está a processar-se com a esperada normalidade.

A volatilidade das taxas de câmbio acarretam riscos acrescidos para o Banco que tem agora de ser mais cauteloso quer nas suas operações de compra e venda como também nas suas posições e exposições cambiais face à possibilidade de perdas decorrentes dos processos de reavaliação cambial.

Temos que continuar a trabalhar e a avaliar o impacto do referido regime nas operações do Banco e no sistema em geral.

2012 foi marcado pela diminuição significativa dos resultados e da rentabilidade, apesar da manutenção da tendência de crescimento evidenciada pelo aumento dos activos líquidos e do volume de negócios.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O papel dos bancos é essencial neste processo na medida em que são estes que avaliam os riscos e a viabilidade dos projectos, concedem os financiamentos e, em conjunto com as autoridades, acompanham a concretização dos planos de negócio, no terreno, com o objectivo de minimizar aqueles riscos.

Ao participarem no programa os bancos assumem uma dupla responsabilidade. Em primeiro lugar, a concessão de crédito no âmbito do Angola Investe acarreta os mesmos riscos (mitigados pela emissão de Garantias Públicas) que a concessão do crédito no regime geral, dos quais o maior é o não reembolso do capital. Em segundo lugar, a responsabilidade prende-se com os próprios objectivos do programa que são a dinamização do sector produtivo do país, criando alternativas de consumo para a população mais baratas e com boa qualidade. Deste modo, o papel dos bancos torna-se fundamental, na medida em que a selecção dos projectos a serem financiados afectará o alcance dos objectivos do programa e da própria economia, em geral.

O BAI colocou à disposição dos investidores uma linha de crédito para atender ao programa Angola Investe, no montante anual equivalente a USD 50.000.000 (Cinquenta milhões de dólares do Estados Unidos da América).

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

O BAI pretende continuar como líder no mercado bancário angolano com enfoque nos segmentos de maior valor. Constituem prioridades para 2013 e 2014: (i) a melhoria da qualidade da carteira de crédito, com a consequente limpeza do seu balanço, através do reforço das provisões e com consequências significativas nos resultados dos exercícios de 2013 e 2014; (ii) a prestação de serviços de alta qualidade; (iii) a formação contínua dos recursos humanos; (iv) a melhoria dos processos e tecnologias de suporte operacional e (v) o reforço dos processos de gestão e controlo orçamental.

Numa abordagem mais integrada, podemos fazer referência à desejada formalização/transição do BAI num grupo financeiro angolano de referência, separando as actividades bancárias das actividades financeiras não bancárias e das actividades não financeiras. A diversificação das actividades do grupo bem como a sua gradual internacionalização poderão ser também factores importantes na estratégia do banco a desenhar para o próximo futuro. O Banco também está a preparar-se para a dinamização da sua actividade de Banca de Investimentos posicionando-se para a abertura do mercado de dívida interna e externa.

O aumento da concorrência e das exigências regulamentares, com destaque especial para o cumprimento das disposições dos Avisos 1 e 2, de 2013, do BNA, e da esperada introdução das IFRS's, também vão condicionar fortemente o esforço de organização e sofisticação do BAI, por via da adopção das melhores práticas de governação corporativa assim como de gestão de riscos para atender a um conjunto de requisitos que lhe são exigidos.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

A transformação de Angola em mercado bancário de referência na África Austral, exige da entidade reguladora a adopção de um conjunto de práticas internacionais que lhe permitam competir com os *peers* regionais e de outras geografias. Entretanto, julgamos que o grande desafio do sector está na adopção e implementação de políticas de gestão de risco e controlo interno, com forte impacto na forma de funcionamento dos principais agentes económicos, conforme preconizado na regulamentação acima indicada.

O sector bancário vai enfrentar o desafio de maior competitividade, com a entrada de novos *players* no mercado e de realização de negócios com margens mais reduzidas, pelo que entendemos que os bancos que melhor gerirem a sua estrutura de balanço vão alcançar bons resultados.

A atracção e retenção dos recursos humanos mais aptos continuam, e vão continuar por mais alguns anos, nas estratégias dos bancos em Angola, pois constituem um enorme desafio para o alcance da mudança. Entendemos também ser importante o desafio de formação comportamental, técnica e mesmo estratégica para os próximos anos em todo o sector. Estamos empenhados em desenvolver programas de formação técnica e profissional na Academia BAI que sirvam a todos os profissionais e áreas afins do BAI e, sempre que possível, do sector.

Gostaríamos de realçar também o empenho que o Governo tem empreendido no sentido de criar as infra-estruturas de suporte aos sistemas de comunicação e que deverá certamente impulsionar o bom funcionamento do sector bancário em todo país.

Gostaria de salientar a necessidade de se realizar um debate mais profundo à volta do regime fiscal aplicável ao sector bancário e ao sector financeiro, face ao seu papel directo e indirecto na geração de emprego e na modernização do país.



Banco Caixa Totta

Aposta na formação



Fernando Marques Pereira
Presidente da
Comissão Executiva

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

O sector continuou a crescer em activos em 2012, destacando-se também a manutenção da dinâmica no que concerne à abertura de novas agências, colocação de TPA e ATM's. Assistiu-se, no entanto, a uma redução de resultados num número importante de bancos em consequência do aumento das imparidades na carteira de crédito e da redução da margem financeira.

É expectável que no primeiro semestre de 2013 a situação não se tenha invertido.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

No que concerne à economia angolana, destacaria a desaceleração do crescimento, fruto de algum atraso no lançamento de projectos de investimento, bem como da regularização de dívidas por parte do Estado. No que concerne especificamente à Banca, de entre os aspectos mais relevantes daquele período, a saber, descida das taxas de juro, novas regras regulamentares emitidas pelo BNA e nova Lei Cambial para o sector petrolífero, destacaria esta última pelo impacto que tem na gestão cambial por parte dos bancos e as exigências que impõe, que se traduziram numa resposta da Banca angolana - a meu ver bastante positiva - com a criação de unidades especializadas e numa nítida melhoria da qualidade dos serviços prestados.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

Aquele período teve, para o Banco Caixa Geral Totta de Angola, um significado especial pois apresentou em 2012 os seus melhores resultados de sempre (5.607,5 milhões de Kwanzas) e comemora em 2013 o seu 20º aniversário, uma vez constituído em 30 de Abril de 1993 sendo, assim, o primeiro banco privado a operar em Angola depois da independência.

Deve ainda ser realçado o lançamento dos cartões de crédito, integrados já na nova plataforma da EMIS, bem como a evolução em termos dos canais de distribuição.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

A inclusão financeira em Angola é um processo gradual que tem sido percorrido de forma consistente, como se verifica pela crescente taxa de bancarização.

As instituições financeiras são o agente primordial neste processo, com o aumento da cobertura geográfica da sua rede física, bem como pela disponibilização de canais electrónicos que constituem um instrumento poderoso num país com uma grande dimensão geográfica.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

O Banco Caixa Geral Totta de Angola, com uma longa tradição na relação com o sector petrolífero, ajustou a estrutura, processos e sistemas para dar resposta às novas necessidades criadas pela entrada em vigor da nova Lei Cambial.

A qualidade na prestação de serviços assume aqui um papel de relevo, aspecto em que o Banco Caixa Totta está particularmente empenhado, de forma a demonstrar que a Banca angolana consegue competir com os bancos internacionais.

Para além do impacto acima referido, importa salientar a mudança de paradigma no mercado do dólar, onde as petrolíferas se assumiram como principal fornecedor de dólares ao Banco Caixa Totta, em detrimento da compra nos leilões realizados pelo BNA.

A inclusão financeira em Angola é um processo gradual que tem sido percorrido de forma consistente, como se verifica pela crescente taxa de bancarização.

De entre os desafios que a banca enfrenta, destacaria a questão dos Recursos Humanos, onde é necessário continuar os processos de formação e de estabilidade do quadro, o crescimento, com uma gestão atenta dos custos de funcionamento, e o reforço de todos os processos de gestão de risco.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O Banco Caixa Geral Totta de Angola participou de uma forma activa no programa Angola Investe, tendo sido dos primeiros bancos a ter projectos aprovados no âmbito daquele programa.

Foram desenvolvidas iniciativas junto dos empresários, onde destacaria os seminários sobre o tema "Angola Investe" realizados no Lobito, Lubango e Luanda, neste último com a presença do Sr. Ministro da Economia. Como banco focado no segmento empresarial, o Caixa Totta tem contribuído para o desenvolvimento empresarial, processo que só terá uma maior aceleração com a formação dos empreendedores pois existem ainda diversas lacunas quanto à elaboração dos planos de negócios e apresentação de informações contabilísticas credíveis.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

Apesar de algum arrefecimento da economia, que é bem patente na taxa de crescimento do crédito à economia que se revela muito inferior à média dos últimos anos, o Caixa Totta estima encerrar o exercício de 2013 com um crescimento dos seus resultados.

Para 2014 os objectivos são continuar a crescer em termos de resultados, rede de Agências e Centros de Empresas, maior dinamização comercial, ajustamentos na gestão dos Recursos Humanos e, de forma geral, implementar todas as medidas necessárias para o cabal cumprimento dos normativos do BNA no que concerne à governação corporativa e ao sistema de controlo interno.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

De entre os desafios que a Banca enfrenta, destacaria a questão dos Recursos Humanos, onde é necessário continuar os processos de formação e de estabilidade do quadro, o crescimento, com uma gestão atenta dos custos de funcionamento e o reforço de todos os processos de gestão de risco.

Banco Comercial Angolano

É fundamental a banca apoiar o empreendedorismo



Filipe Martins
Presidente
do Conselho de
Administração

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

Considerando o desempenho financeiro dos bancos africanos em geral e a maturidade dos seus sistemas financeiros, podemos considerar os resultados alcançados pelos bancos Angolanos no ano 2012 e no primeiro semestre de 2013 como sendo satisfatórios. Não obstante serem positivos, em termos quantitativos e como proporção de fundos próprios (ROE) ou de activos (ROA), quando comparados com bancos de outros países, foi visível uma redução ou manutenção de lucros antes de imposto na maioria dos bancos angolanos.

As principais razões desta redução face aos anos anteriores resultam, principalmente, do ambiente regulatório introduzido pelo Banco Central durante o segundo semestre de 2011, que teve a sua expressão nas contas dos bancos a partir de 2012. O ano 2012 foi de desaceleração económica para a maioria dos bancos. A redução das taxas de aplicações, crédito e dos títulos e obrigações combinado com o aumento de custos operacionais resultante da expansão da rede de distribuição e dos investimentos efectuados ao longo do ano, - com destaque para o sector das tecnologias de informação no que respeita à modernização dos sistemas e na resposta à dinâmica do mercado, do aumento de custos devido a inflação cuja taxa é superior às taxas ponderadas da maioria dos activos dos bancos e, em alguns casos, o registo de imparidade nas carteiras de crédito, - resultou numa redução da margem financeira de muitos bancos. Alguns bancos conseguiram recuperar através da sua margem complementar e, deste modo, mantiveram o mesmo nível de resultados mas outros não conseguiram compensar a redução da margem financeira com a margem complementar, resultando assim numa redução dos lucros.

No primeiro semestre de 2013 é notório o esforço de realinhamento da estratégia negocial por parte da Banca desenhada para a recuperação de parte dos proveitos. No entanto, do nosso ponto de vista, não vislumbramos que venham a ocorrer variações significativas nos resultados dos bancos em termos absolutos ou relativos no primeiro semestre.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

O processo de inclusão financeira em Angola foi considerado de importância estratégica para o desenvolvimento social e económico do País. Isto porque sempre se considerou que a inclusão financeira é um dos factores que melhor potencia o crescimento socioeconómico e a estabilidade social de um Povo. É um facto reconhecido que a prolongada guerra civil não permitiu que se criassem as condições para a extensão rápida das redes de agências bancárias (como aliás de outros serviços públicos). A não existência de agências bancárias nos municípios foi um dos factores que mais influenciaram os indicadores de inclusão financeira. A proximidade do serviço e, sobretudo, da informação e da educação que proporcionam, são factores fundamentais para a inclusão financeira da população Angolana. Para além das dificuldades provenientes da não proximidade dos serviços bancários, defrontámo-nos com o problema da iliteracia e de uma educação financeira incipiente. A informalidade reinante na economia causa ainda alguns constrangimentos à bancarização da população.

No entanto, e apesar de todas estas dificuldades, a evolução tem sido extremamente positiva. A Banca comercial acompanhou a melhoria das infra-estruturas do País e abriu uma extensa rede de balcões nos municípios a escala nacional. A acompanhar este esforço, o BNA iniciou campanhas de educação financeira e instituiu contas bancárias específicas para a população de baixa renda, as chamadas contas Bankita, que não apresentam qualquer custo para o seu utilizador.

Com o esforço conjunto do Banco Central e da Banca Comercial tem sido possível aumentar a taxa de bancarização que, neste momento, regista já um valor próximo dos 30%. A educação da população quanto à utilização de produtos bancários simples está a melhorar radicalmente. E este processo tem, em si próprio, um efeito multiplicador: uma parte cada vez maior da população adere aos serviços financeiros e são compreensíveis para uma maior fatia da população bancarizada produtos financeiros de maior complexidade, nomeadamente de crédito.

A manter-se este esforço, eventualmente melhorado com serviços de mais proximidade como por exemplo o mobile banking, seguramente este indicador irá atingir valores bem mais próximos da média dos países SADC, num prazo muito curto.

A honestidade e resiliência dos colaboradores serão fundamentais para merecerem a confiança dos clientes.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O conceito de “Empreendedorismo” tem sido usado em vários cenários, significando diferentes conceitos e nem sempre os mais correctos. Podemos dizer que, geralmente, quando se fala de empreendedorismo se pretende afirmar “constituição e desenvolvimento de novas empresas ou negócios”.

E quando um futuro empresário pretende desenvolver, de raiz, uma ideia de negócio e constituir uma *start up*, de todos os factores de produção necessários, provavelmente o mais difícil de encontrar é a fonte de investimento no capital inicial de arranque. E quando se discutem estes assuntos é indissociável o papel do sector bancário no apoio a estes novos empreendimentos.

É aqui que surge a Banca como a entidade mais requisitada para financiar projectos em fase de arranque. Mas as dificuldades com que os bancos se deparam são enormes: promotores com pouca formação empresarial e sem apetência para o risco, projectos inexistentes, inconsistentes ou deficientemente trabalhados, incorrecta formulação da estrutura de financiamento, não existência de garantias ou apresentação de garantias de difícil constituição. Todos estes factores levam a que os níveis de risco dos novos projectos sejam muito elevados, quase impedindo a Banca de considerar a sua participação. Reconhecendo esta dificuldade, o Governo Angolano instituiu o “Angola Investe”. Com este programa pretende-se minorar, aos empreendedores e à Banca, algumas das reconhecidas dificuldades que impediam o crescimento do financiamento a este tipo de projectos. Porque todos reconhecemos a importância de que a criação de novas empresas se reveste, nomeadamente o seu papel primordial na diversificação da economia, na geração de riqueza e na criação de emprego e, através desses factores atingir um efeito indirecto, mas de grande importância: a estabilidade social. O programa está numa fase inicial pelo que qualquer balanço ainda é prematuro. No entanto, pela minha experiência, verifico as dificuldades dos empreendedores em apresentarem projectos credíveis nos sectores económicos que foram

considerados estratégicos pelo Governo. Apesar de não abundarem projectos, os efeitos positivos do programa estão, paulatinamente, a fazer-se sentir. Penso, no entanto, que há ainda um longo caminho a percorrer pelo nosso empresariado, pelas nossas escolas, pelas nossas instituições públicas de forma a criar uma verdadeira Cultura do Empreendedor. Com o apoio de todos, penso que os objectivos do programa serão atingidos.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco?

A nova lei cambial trará um impacto na estrutura do negócio, do mercado, e sobre o papel dos vários actores, e intervenientes.

Com a nova lei cambial temos constatado um maior fluxo de USD para a Banca e, conseqüentemente, um aumento da liquidez no sistema bancário, com mais transacções e transferências para o exterior do País.

Os balanços dos bancos vão crescer e haverá alterações na composição dos activos, e, tendencialmente, na rentabilidade em geral.

É expectável o crescimento de um mercado secundário em USD/AKZ, onde os bancos que compram USD das empresas petrolíferas vendem para os outros bancos no mercado. Até agora estas vendas têm sido esporádicas e ainda falta profundidade e dinâmica ao mercado secundário.

Não obstante, não devemos sobrevalorizar o impacto das vendas de USD das empresas petrolíferas, pelo facto de que as empresas prestadoras de serviços para a indústria petrolífera, que antes recebiam em USD, recebem agora em AKZ. Uma grande parte delas vão comprar USD para enviar para as suas “empresas-mãe”, sediadas no exterior do país e, neste sentido, uma boa quantidade dos USD vendidos para o sistema já tem compradores.

Embora o BNA deixe de ser a única fonte de venda de divisas, deverá continuar a assegurar uma evolução estável do mercado cambial para prevenir flutuações que possam perturbar o seu normal desenvolvimento. Vamos também verificar uma certa assimetria do mercado, onde as empresas petrolíferas inicialmente escolhem os maiores bancos para depositar USD e realizarem as suas transacções cambiais. O papel do BNA deverá ser igualmente o de assegurar que uma situação de oligopólio não tenha conseqüências na formação dos preços.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

O sector bancário terá nos próximos anos dois grandes desafios. Em primeiro lugar, a diversificação da oferta de produtos e serviços, acompanhada da excelência dos serviços. Em segundo lugar, a aderência das boas práticas internacionais. Com o aumento da concorrência no sector, os clientes irão optar pelos bancos que forem capazes de oferecer produtos e serviços inovadores, disponíveis em condições de segurança e rapidez. A estratégia multicanal será igualmente um elemento facilitador na opção dos clientes, que não têm tempo para se dirigirem às agências. A qualificação dos recursos humanos será um factor diferenciador. A honestidade e resiliência dos colaboradores serão fundamentais para merecerem a confiança dos clientes.

Por outro lado, importa salientar que, durante muitos anos, os bancos focaram a sua estratégia comercial na rentabilização dos depósitos dos clientes, através de investimentos em instrumentos financeiros do Banco Central e do Estado, ao invés da actividade bancária tradicional, assente no aperfeiçoamento dos mecanismos de intermediação financeira. Com a redução significativa das taxas de investimento, e até mesmo da margem complementar face ao aumento da capacidade negocial dos clientes, a concessão do crédito passará a constituir um dos principais aceleradores para o aumento do produto bancário. Este facto é já notório, com praticamente todos os bancos a aumentarem as suas taxas de transformação.

Importa, entretanto, alertar que com o aumento e expansão do crédito à economia, os bancos deverão desenvolver competências para aperfeiçoar os mecanismos de gestão do activo, nomeadamente de concessão, seguimento e, sobretudo, de recuperação de crédito e gestão de risco, seja ele de crédito, operacional ou de mercado - este último visto na sua tripla dimensão, nomeadamente, risco de taxa de juro, taxa de câmbio e de liquidez. Os bancos que tenderão a ter mais sucesso e que mais garantias oferecerão aos seus clientes serão exactamente os que forem capazes de combinar as políticas de captação de poupanças, com políticas rigorosas e profissionais de gestão do activo.



Banco Espírito Santo de Angola

Nova era para a economia de Angola



Rui Guerra
Presidente da Comissão
Executiva

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

O mercado bancário em Angola registou, neste período, uma tendência de crescimento contínua, tanto a nível de recursos como de crédito. Contudo, os resultados em geral apresentaram uma ligeira queda, em consequência da redução de margens e do aumento dos custos associados a investimentos de expansão e à qualificação do trabalho. O crédito vencido também tem vindo a aumentar. Este facto ainda não é preocupante para o sistema, mas esta é uma tendência que esperamos que se inverta. A economia angolana precisa de um sistema financeiro enérgico e forte.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

Penso que as eleições de 2012 marcaram o início de um novo ciclo político, focado agora numa nova abordagem económica e social e numa vontade acrescida de fomentar o crescimento. No anterior ciclo, até 2012, o governo apostou muito no desenvolvimento de infra-estruturas. Neste novo ciclo, esta aposta mantém-se, mas existe uma preocupação mais orientada para a diversificação económica.

O plano do Governo aposta neste sentido em quatro linhas estratégicas: Diversificação da Estrutura Económica Nacional; Emprego, Capacitação e Valorização dos Recursos Humanos; Empreendedorismo e Desenvolvimento do Sector Privado Nacional, e Apoio às Exportações.

Existem já medidas concretas em curso, como a nova Lei Cambial, a criação de um Fundo Soberano, e o novo Plano Nacional de Desenvolvimento 2013-2017, que aponta para um reforço do investimento em domínios tão críticos como a energia e plataformas logísticas.

A economia de Angola está, portanto, a entrar numa nova era. Este será um novo ciclo para o País, que apresenta agora uma maior aposta no crescimento, na diversificação e numa melhor distribuição de riqueza. Acredito que este ciclo irá fomentar o aparecimento de toda uma nova geração de empresários e empreendedores, que terá um forte impacto a nível económico e social, e lançará as bases para uma nova classe económica e social. Estas novas dinâmicas e tendências económicas em Angola, trazem novas responsabilidades e oportunidades ao BESA, que já é, actualmente, o banco com maior volume de crédito atribuído à economia angolana.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

Consciente da necessidade de uma nova abordagem ao mercado para acompanhar uma nova fase, profundamente dinâmica, da economia angolana e da indústria bancária em África, o BESA definiu uma nova estratégia de atuação. Foi implementado um novo modelo de *governance* e uma reorganização operacional, que originou a criação de novas áreas de negócio, renovação de equipas de gestão e reforço de colaboradores.

Esta reestruturação está a ser suportada por uma combinação de talento angolano, *know-how* internacional e uma aposta forte na capacitação e desenvolvimento dos nossos quadros nacionais. Estamos também a trabalhar no sentido de criar uma nova carteira de produtos adequados à nova realidade do mercado angolano e em serviços integrados com atendimento personalizado de nível internacional.

Temos também em curso um significativo processo de transformação nas áreas operativas e tecnológicas. Continuamos a apostar na inovação e vamos investir, durante o próximo ano, num serviço de internet e *mobile banking* de última geração, que permitirá aos nossos clientes ainda mais proximidade, comodidade e modernidade na sua relação com o Banco. Estamos a assistir ao desenvolvimento de uma sociedade angolana, que está a tornar-se cada vez mais exigente, mais sofisticada, mais digital. O serviço personalizado do BESA continuará a ser a referência, mas o Banco

Está em marcha um ambicioso plano de expansão, ao nível da cobertura geográfica do Banco, que irá duplicar a rede de balcões ainda em 2013, para estar cada vez mais próximo dos seus clientes, no mercado angolano.

continuará a marcar o seu posicionamento no domínio da inovação, para antecipar tendências e dar resposta a novas realidades do mercado.

O plano estratégico de actuação, que tem vindo a ser implementado pelo Banco, integra áreas de acção que irão permitir ao BESA atingir uma nova dimensão. Está em marcha um ambicioso plano de expansão, ao nível da cobertura geográfica do Banco, que irá duplicar a rede de balcões ainda em 2013, para estar cada vez mais próximo dos seus clientes, no mercado angolano. A expansão da rede de balcões do BESA também tem contribuído para o desenvolvimento socioeconómico das regiões, através da disponibilização de produtos e serviços bancários inovadores. Em 2013, o Banco Espírito Santo Angola já abriu 23 agências e totaliza 63 balcões em operação em Angola. O objectivo é chegar ao final do ano de 2013 com mais de 70 agências abertas e 6 Centros de Empresas operacionais.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

A inclusão financeira em Angola será um processo gradual e intrinsecamente ligado ao aumento das taxas de bancarização. De acordo com o BNA, actualmente cerca de 23% da população em Angola tem acesso a serviços bancários e os objectivos são chegar ao final do ano com uma percentagem de 30% de bancarização. O Banco está completamente alinhado com os objectivos definidos pelo BNA, para o aumento da bancarização da população angolana, e prova disso são os planos de expansão geográfica da rede BESA, que só este ano já iniciou operações em duas novas províncias de Angola.

A literacia financeira é um processo muito importante em Angola, uma vez que implica a bancarização da economia, com reflexos tanto a nível da melhoria das decisões financeiras dos angolanos, como a nível de uma maior formalização da economia.

As instituições financeiras têm aqui um papel fulcral, uma vez que são um ponto de contacto natural entre os angolanos e o seu dinheiro, e estão junto dos cidadãos em grande parte das suas decisões financeiras. Têm, por isso, não só o dever de informar, mas a obrigação de formar os cidadãos para que tenham um melhor entendimento das suas finanças pessoais, dos produtos e serviços oferecidos pelos bancos.

A literacia financeira é um factor determinante para formar e informar os angolanos sobre todos os aspectos inerentes à gestão de orçamentos familiares, a importância da poupança para fazer face a necessidades

extraordinárias de várias ordens, como utilizar um cartão de crédito e acompanhar o desenvolvimento do processo de inclusão financeira para se poder, de seguida, evoluir para níveis mais sofisticados de serviços, como a realização de investimentos, nomeadamente em produtos bancários de maior rentabilidade, para capitalização de rendimentos.

Este será um processo gradual, e que naturalmente leva o seu tempo, dada a dispersão da população e a mudança de mentalidade implícita. Penso que este caminho está a ser percorrido, contudo há ainda muito trabalho a fazer para formação das populações sobre a actividade bancária, a relação que podem ter com o seu banco e as vantagens da bancarização.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

Os objectivos eram claros e muito importantes para a economia angolana: trazer os importantes fluxos de dinheiro do petróleo para o País e promover o Kwanza. O facto deste importante e complexo processo ter decorrido até agora sem qualquer problema, ou questão, é uma vitória da capacidade de organização do País. Com o tempo, os fluxos de capitais acumular-se-ão no sistema financeiro nacional e esta fonte de liquidez na Banca irá ser muito importante para continuar a impulsionar a economia angolana.

Numa primeira análise, consideramos que a nova lei cambial está a ter um impacto muito positivo na operação do banco. Esta nova regulamentação impôs um forte investimento ao nível da capacitação de recursos humanos, implicou a aquisição de *know how* e a requalificação de equipas para fazer face aos desafios de um nível de serviço mais exigente.

O Banco também realizou um forte investimento a nível tecnológico, para acompanhar as necessidades inerentes ao aumentar da sofisticação dos processos exigidos pelos clientes com operações transnacionais. Saliento ainda a importância do Banco Espírito Santo Angola pertencer a um grupo financeiro internacional presente em 23 países e com um universo de 2 200 bancos correspondentes, que permite a criação de sinergias operacionais muito relevantes.

A literacia financeira é um processo muito importante em Angola, uma vez que implica a bancarização da economia, com reflexos tanto a nível da melhoria das decisões financeiras dos angolanos, como a nível de uma maior formalização da economia.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

A indústria bancária tem, indiscutivelmente, um papel determinante no desenvolvimento empresarial e económico de qualquer país. O empreendedorismo surge de uma conjugação de vários elementos - uma boa ideia de negócio, um líder, capital e *know-how* técnico - naturalmente, os bancos são actores principais no apoio ao empreendedorismo porque são a principal fonte de concessão de crédito às empresas.

O BESA tem vindo, desde o início da sua operação em Angola a ser um parceiro de referência das empresas e dos empreendedores angolanos. O BESA é actualmente o banco com maior valor de concessão de crédito à economia angolana, tendo este indicador atingido os 7,1 mil milhões de dólares no final de 2012.

Contudo, o papel da Banca não se esgota com a concessão de crédito. No domínio do apoio às empresas, o BESA aposta em inovação constante para potenciar a sofisticação de gestão financeira das empresas, através da disponibilização de produtos de protecção cambial, *cash management*, *leasing*, *factoring*, descontos de recebíveis e banca de investimento.

Quanto ao Programa Angola Investe, em particular, acredito que esta iniciativa tem um elevado potencial para apoiar e desenvolver os empreendedores nacionais. Angola precisa de mais empresas e de um tecido empresarial mais forte. Penso que estão criadas todas as condições para uma maior diversificação da economia em Angola e o crescimento económico passará sempre pela criação de novos negócios, em sectores diversos, pelo que o empreendedorismo é um factor-chave para o desenvolvimento económico e social deste país.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

Não podemos adiantar previsões de negócio antes do final do exercício. Contudo, estou muito optimista com o plano de crescimento estratégico do Banco, que aponta para um nível de resultados superiores aos de 2012, apesar de estarmos a enfrentar um forte contexto de investimento, associado à expansão da rede, à requalificação e expansão dos nossos recursos humanos e ao investimento em novas tecnologias.

Os accionistas decidiram investir nos melhores recursos humanos, na profissionalização do modelo de governação do banco e num plano de reforço do capital, que atinge os 500 milhões de dólares, um nível sem paralelo no mercado angolano.

Para 2014, os planos de expansão do Banco têm como objectivo aumentar a rede de balcões para entre 80 e 90 agências em operação, o que irá consequentemente implicar um sólido crescimento do número de clientes. Parte integrante das metas e objectivos que o BESA definiu para o próximo ano será a integração de um novo conceito de atendimento, com base em equipas multi-disciplinares, com especialidades complementares, para assegurar um nível superior de aconselhamento aos clientes. O BESA aposta agora em soluções personalizadas, completamente adaptadas às necessidades específicas de cada cliente.

O Banco Espírito Santo Angola é o único grupo financeiro angolano multi-especialista que disponibiliza serviços nas áreas da banca comercial, *private banking* e *asset management*, *leasing* e *factoring*, seguros e banca de investimento. Esta é uma vantagem competitiva para oferecer ao mercado um conjunto de produtos absolutamente diferenciadores.

Para acompanhar o plano estratégico de crescimento, o Banco irá recrutar acerca de 300 pessoas entre

É fundamental que o sector bancário dê continuidade ao seu rápido processo de modernização, adoptando as melhores práticas internacionais.

2013 e 2014, reforçando a sua aposta na formação, capacitação profissional e qualificação dos seus recursos humanos. Está também previsto um novo programa de internacionalização de quadros angolanos, que irá integrar a criação de equipas especializadas em diversos sectores financeiros, como por exemplo, no sector de Oil&Gas e Banca de Investimento, em linha com os mais elevados padrões internacionais de especialização. O Banco Espírito Santo Angola terá também um papel fundamental no apoio aos processos de internacionalização das empresas angolanas, contribuindo para o desenvolvimento do comércio externo. Para tal irá capitalizar a experiência no sector de *Trade Finance* do Grupo BES, com presença em 23 países e uma rede global de 2.200 bancos correspondentes. A expansão da actividade de Banca de Investimento do BESA será indispensável para promover o financiamento dos grandes projectos nacionais e o desenvolvimento dos mercados de capitais e dívida angolanos.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

Acredito que existem três grandes desafios transversais à indústria bancária em Angola, que podem condicionar o seu crescimento e, consequentemente, o da economia como um todo. Por um lado, temos o desafio da fiabilidade da informação financeira, que implica a partilha de informação de clientes no sistema bancário e o reforço da fiabilização da informação contabilística apresentada pelas empresas.

Por outro lado, é necessária uma maior eficácia do sistema de garantias, que obriga a uma gestão eficiente da definição de propriedade horizontal e a possibilidade de accionamento de garantias, hipotecárias e outras. Por último, será necessário criar incentivos ao crédito, através da redução das exigências de reservas legais e legislação relativa a imparidades de crédito.

Acrescentaria apenas que é fundamental que o sector bancário dê continuidade ao seu rápido processo de modernização, adoptando as melhores práticas internacionais. Para tal, é necessário manter um sólido e constante apoio à formação profissional, como forma essencial de implementar a modernização na Banca.



Finibanco Angola

A literacia financeira é fundamental para o sucesso



António Araújo Pontes
Presidente do Conselho de
Administração

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

O crescimento da economia angolana mantém-se em bom ritmo quando comparada com os indicadores das principais economias mundiais. Um cenário macroeconómico tão favorável só pode beneficiar a actividade bancária dessa economia e penso que a generalidade dos bancos angolanos têm aproveitado esse crescimento. O nível de bancarização da população, ainda baixo, continua a subir, porém, a componente do crédito vencido começa a ter uma maior influência nos resultados da banca em geral. No caso particular do Finibanco, consideramos positivo o nível dos resultados obtidos e dentro dos objectivos traçados com os nossos accionistas.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

O ano de 2012 foi muito rico em acontecimentos que tiveram uma grande influência na economia angolana. Desde logo, toda a dinâmica foi desenvolvida ao nível do investimento público, principalmente nos primeiros nove meses do ano. O processo eleitoral, da forma como decorreu, veio acrescentar um quadro de maior confiança a todos os agentes económicos, criando assim boas perspectivas para um maior investimento público e privado. O nível baixo da inflação, o programa de incentivo ao empreendedorismo Angola Investe e a Reforma Tributária também deram o seu contributo para este ambiente favorável ao crescimento económico. Relativamente à primeira parte do ano de 2013, não podemos deixar de referir, como aspecto marcante, o atraso no pagamento às empresas das obras públicas realizadas, que têm provocado efeitos colaterais em várias actividades económicas.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

O Finibanco procedeu, no final de 2012 e início de 2013, à mudança da sua imagem tentando mostrar ao mercado angolano uma maior presença junto dos clientes, dos empresários e das famílias. Tentámos através da nova imagem, que contém elementos de maior nacionalismo e juventude, estar mais próximos dos nossos clientes, com o exercício de uma Banca de proximidade e de maior eficiência na resolução dos seus problemas. Os resultados obtidos deixam-nos extremamente satisfeitos e são um incentivo a continuarmos o caminho que traçámos para este mandato. Devemos realçar, ainda, a inauguração da nossa Sede Regional da Província de Benguela, que constituiu um marco importante de afirmação junto da população benguelense. O plano de expansão do Finibanco tem decorrido em bom ritmo contribuindo, assim, para o crescimento projectado.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

A evolução tem sido positiva, porém num país onde a taxa de bancarização ainda é baixa, obriga a que esse esforço continue. Todos sabemos que a bancarização evoluirá sempre no mesmo sentido da evolução económica e neste aspecto há, ainda, um longo caminho a percorrer, designadamente na indústria, na agricultura e na transformação da economia informal em formal. O papel dos bancos é muito importante em todo este processo, mas não é o único pois persistem barreiras que dificilmente a Banca pode ultrapassar. O programa desenvolvido pelo BNA nesta matéria é muito importante e terá de continuar durante muitos anos até que se atinja um nível satisfatório. A literacia financeira é uma aprendizagem de longa duração mas fundamental para se conseguir sucesso.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

Em primeiro lugar, temos de salientar que a nova lei trouxe uma alteração na oferta de moeda no sistema bancário, quer em moeda nacional quer estrangeira. Por outro lado, a Banca passou a lidar com os grandes “players” mundiais, ao nível do negócio de divisas e de todos os instrumentos que o mundo das finanças desenvolveu nesta matéria. Muitos destes operadores da indústria do petróleo têm departamentos financeiros gigantescos e de maior dimensão que a maior parte dos bancos. Por isso, a nossa aproximação a este novo mercado tem sido feita de uma forma cautelosa tentando gerir as nossas posições cambiais da forma mais profissional possível. Gostaríamos de salientar que, hoje em dia, já se sente no mercado angolano a necessidade de utilizar alguns produtos de derivados cambiais, onde pensamos que o BNA poderá desenvolver um papel importante, pelo menos ao nível dos “swaps” cambiais dólar/kwanza.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O programa Angola Investe contém todos os elementos considerados fundamentais no apoio público ao empreendedorismo e desenvolvimento económico de um país. O facto de os resultados estarem ainda aquém das expectativas iniciais deve-se fundamentalmente à cultura económico-financeira da generalidade dos principais promotores de novos negócios. Isto, desde logo, porque se criou a ideia de que sendo um programa com origem no Governo os financiamentos seriam a fundo perdido. De facto, a maioria dos projectos que nos têm sido apresentados revelam sérias lacunas, tornando muito difícil a sua aprovação pelo nosso modelo de risco. No entanto, continuamos a incentivar a nossa rede comercial a procurar bons projectos que o Banco possa apoiar. Gostaria de realçar que, mesmo assim, o Finibanco apresenta um rácio de transformação de crédito em depósitos muito equilibrado, evidenciando assim o nosso forte apoio à economia angolana.

A literacia financeira é uma aprendizagem de longa duração mas fundamental para se conseguir sucesso.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

Os resultados do 3º trimestre estão acima das nossas expectativas pelo que projectamos um final de ano de 2013 com resultados muito confortáveis em praticamente todos os indicadores: margem financeira, produto bancário, resultado líquido, *cost-to-income*. Isto significa que o mercado angolano percebeu a nossa mudança de imagem e captou bem a mensagem. Estes resultados dão-nos um maior incentivo para encararmos o ano de 2014 de uma forma positiva, apesar do crescimento económico mais moderado previsto pelo FMI. Pensamos que o Finibanco ainda tem uma boa margem para crescimento, pelo que os nossos objectivos para 2014 vão em linha com aquilo que já conseguimos em 2013. O nosso plano de expansão continua em desenvolvimento, de forma a criarmos condições de melhor e maior proximidade com os nossos clientes.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

É natural que o resultado dos primeiros anos do jovem mercado financeiro angolano comece a pesar em alguns balanços, exigindo medidas de consolidação dos mesmos. Por outro lado, a nova regulamentação bancária ao nível do Controlo Interno e de “Governance”, que coloca Angola muito perto do nível de supervisão bancária dos países com economias mais maduras, traz desafios ao nível da organização interna dos bancos, o que lhes vai dar uma maior solidez para os desafios futuros. Os efeitos colaterais que se geraram com o desenvolvimento da crise financeira mundial desde 2008 têm levado a que as autoridades de supervisão da Banca desenvolvam regulamentação que previna novas crises no futuro, semelhantes àquela que ainda se mantém nos principais mercados mundiais.

Banco de Fomento Angola

Preparar os desafios futuros



Emídio Pinheiro
Presidente da
Comissão Executiva

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

Penso que o indicador de actividade mais relevante na apreciação do desempenho do sector bancário é a evolução dos depósitos no sistema e os avanços registados no processo de “desdolarização”. Depois dos depósitos totais terem crescido mais de 10% em 2012, até Agosto do ano em curso continuam a apresentar um forte crescimento: 13.5% anualizados. Em simultâneo, os depósitos em moeda nacional que representavam 50.3% no final de 2011, já atingem 58.6%.

Os dados da bancarização também são muito relevantes. Se tomarmos as estatísticas da EMIS para o ano de 2012, o número de cartões Multicaixa vivos ultrapassou os 2 milhões e registou um crescimento de 30%. A rede de ATM's cresceu 24% e a rede de TPA's 29%, aproximando-se de 24.000 o número de TPA's instalados. São números muito impressionantes que demonstram bem a dinâmica do sector.

Os resultados financeiros dos bancos estiveram muito condicionados em 2012 pela descida das taxas de juro e esse efeito irá perdurar nas contas de 2013.

Como tema novo, penso que estes dois exercícios ficaram marcados pela implementação do novo regime cambial do sector petrolífero. Foi, sem dúvida, um desafio muito abrangente que colocou em teste a capacidade dos bancos poderem estruturar uma resposta eficaz a clientes muito exigentes.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

A economia angolana tem crescido e todos os analistas perspectivam a continuação de um forte crescimento nos próximos anos, embora mais moderado, pelo que por este lado, a evolução é positiva.

Ao nível macro-económico, penso que é de destacar os avanços conseguidos em dois indicadores que são cruciais para a criação de condições efectivas de estabilidade económica e a melhoria do ambiente de negócios: a redução da taxa de inflação para um só dígito e a acumulação de reservas internacionais.

Há um outro aspecto positivo ao nível da política fiscal: a implementação da reforma tributária. Ao modernizar os

impostos e ao alargar a base de incidência, para além de diversificar as fontes de cobrança de impostos, irá criar condições para uma melhor redistribuição do rendimento e a redução de algumas taxas de que destacaria a esperada redução da taxa do Imposto Industrial.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

O BFA, em 2012 e nestes primeiros meses de 2013, deu avanços muito significativos em várias áreas. Destacaria a capacidade demonstrada para enfrentar e desenhar soluções face aos desafios que o novo regime cambial do sector petrolífero nos colocou. A mobilização das equipas comerciais e de *back-office*, os investimentos feitos em segurança e na eficácia dos processos de pagamentos, aliados a uma estrutura de balanço com indicadores de liquidez e de solvabilidade muito apropriados à situação, conduziram o BFA a ser hoje um dos principais, senão o principal Banco, do sector petrolífero.

Em paralelo, nestes dois últimos anos, dedicámos muito do nosso esforço e investimento à modernização da nossa infra-estrutura e ao robustecimento dos nossos processos de negócio, preparando o Banco para uma nova dimensão e modernização da actividade. Investimos num novo *Data Center* com tecnologia de última geração que irá acrescentar em muito a nossa capacidade de controlo e de crescimento. Estamos a desenvolver um novo *front end* para todas as operações de balcão, através de tecnologias de *work-flow* e com arquivo digital de documentação. Modernizámos a nossa plataforma de *internet banking* acrescentando novas transacções e criámos condições para o processamento Straight Through Processing (STP) para pagamentos em larga escala.

Segundo as nossas estimativas, no primeiro semestre de 2012 o BFA captou cerca de 22% das contas Bankita, uma conta com regime simplificado de abertura e dirigida a um segmento de baixa renda.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

O BFA foi um dos pioneiros no processo de melhoria do acesso ao sistema bancário, na medida em que muito cedo começou a alargar a sua rede de balcões em todo o país.

Mais recentemente, foi também um dos principais dinamizadores das iniciativas do BNA no seu programa de inclusão financeira. Segundo as nossas estimativas, no primeiro semestre de 2012, o BFA captou cerca de 22% das contas Bankita, uma conta com regime simplificado de abertura e dirigida a um segmento de baixa renda.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

Como referi anteriormente, o BFA preparou-se convenientemente para o desafio colocado pelo novo regime cambial do sector petrolífero, tendo um relacionamento privilegiado com as principais empresas operadoras e uma gama muito alargada de prestadores de serviços.

Para o BFA, o impacto revelou-se a dois níveis:

- Um aumento muito considerável do volume de transacções tirando partido dos mecanismos STP que criámos e que possibilitam o tratamento massivo de ordens de pagamento sem intervenção humana;
- Um aumento muito significativo do volume de operações cambiais que colocam hoje o BFA numa posição cimeira como participante muito activo no mercado cambial interbancário e que deram fundamento ao desenvolvimento de novos produtos, designadamente operações de venda de moeda a prazo.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O BFA desde há muito que se preocupou com o tema do empreendedorismo. Para isso, apoia desde 2010 o relatório GEM (Global Entrepreneurship Monitor) sobre Angola que já vai na 3ª edição.

O programa Angola Investe é, na sua essência, uma iniciativa de louvar e que foi plenamente integrada na oferta do BFA. Para as pequenas e médias empresas, com projectos viáveis principalmente nos sectores da agricultura e pescas assim como na indústria, o Estado apoiou o investimento com uma cobertura de risco até 70% e com bonificações de juros. Os resultados até ao momento são modestos, mas estou certo que com o tempo e alguns aperfeiçoamentos nos regulamentos, o número de projectos apoiados irá crescer com significado.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

Os resultados do BFA do 1º semestre de 2013 já foram divulgados e são aqueles que poderei nesta fase comentar. Destaco os seguintes, face ao período homólogo de 2012:

- Crescimento dos depósitos de clientes: 13.2%;
- Crescimento do produto bancário em 7.4%, apesar da descida na margem financeira de 1.7% em resultado da descida das taxas de juro;
- Crescimento do lucro antes de impostos em 9.2%.

Por força da maior incidência de impostos, o resultado líquido apresenta uma ligeira diminuição de 1.9%.

No ano de 2014 manteremos o foco no crescimento da actividade do Banco, tirando partido dos investimentos que efectuámos e consolidando as áreas que favoreceram o desempenho em 2013.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

Para além dos desafios de ordem comercial que o acréscimo de concorrência impõe, o sector bancário irá enfrentar desafios de carácter regulamentar que decorrem do processo de aproximação da banca angolana aos padrões internacionais. Desde logo, a recente aprovação de regras de Governo Corporativo e de Controlo Interno irão, só por si, obrigar as instituições financeiras a um conjunto de iniciativas e de reestruturação bastante alargadas. Para além deste aspecto, embora ainda não aprovado, penso que iremos assistir a iniciativas com vista à evolução do plano e das regras contabilísticas para os IAS (International Accounting Standards) e à adopção de novos critérios de gestão do risco e de determinação das necessidades de capital. Finalmente, teremos uma maior atenção à implementação das regras de Combate ao Branqueamento de Capitais e ao Financiamento ao Terrorismo como deriva da legislação e regulamentação angolana, já alinhada com as melhores práticas internacionais.

Sob esta perspectiva, os próximos anos serão muito exigentes mas, no final, teremos um sistema bancário mais moderno com instituições melhor estruturadas, em bases mais sólidas, que irá possibilitar uma maior integração no sistema financeiro mundial.



Banco KEVE

Elevada solidez e um reforço relevante do crescimento do produto bancário



Rui Costa Campos
Presidente
do Banco Keve

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

O sector bancário em Angola em 2012 apresentou uma inversão face à tendência crescente que se tinha verificado nos anos anteriores ao nível dos principais indicadores de rentabilidade. Para esta, muito contribuiu o crescimento da sinistralidade das carteiras de crédito da generalidade dos bancos (que implicou um reforço das necessidades de imparidade), com particular destaque para a exposição ao sector imobiliário, bem como a redução verificada ao nível dos juros das obrigações do Estado Angolano, que necessariamente pressionaram os resultados do sector.

Não obstante a evolução dos resultados verificada em 2012, gostaria ainda de destacar que a mesma não teve impacto relevante na robustez dos bancos que continuaram a apresentar indicadores de solidez fortes e uma boa capacidade de apoiar a economia e, consequentemente, assumirem o seu papel enquanto impulsionadores do desenvolvimento em Angola. Relativamente aos resultados do primeiro semestre de 2013, manteve-se a tendência verificada em 2012, ou seja, o sector em termos gerais apresentou uma redução dos resultados face ao período homólogo de 2012. Esta evolução negativa verificou-se principalmente nos grandes bancos, contribuindo para os pressionar ainda mais para a necessidade de controlar a sinistralidade da carteira e encontrar novas fontes de rentabilidade para o futuro. Adicionalmente, e como factor relevante para a *performance* do sector, no primeiro semestre de 2013, deve também ser considerado que o nível de execução orçamental teve igualmente impacto na economia real, sendo expectável que o previsível aumento do nível de execução orçamental, no segundo semestre de 2013, venha a contribuir para melhoria da *performance* do sector.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

Apesar da conjuntura económica internacional se manter, em termos gerais, negativa, a economia Angolana continua a destacar-se como uma economia com enorme potencial e diversas oportunidades para os investidores internacionais. Neste âmbito, devem ser claramente enfatizadas as políticas do Executivo Angolano com vista ao aumento da diversificação da nossa economia, resultando em 2012 e em anos anteriores, numa cada vez menor dependência do sector petrolífero. Saliente-se que em 2012, este sector contribuiu com 39% para a estrutura do PIB face a 58% em 2008. Outros dos indicadores claramente marcantes no período que refere e que merecem ser destacados referem-se à política de contenção da inflação, o que nos coloca em mínimos históricos para o nosso País, bem como para um aumento das reservas internacionais líquidas, que também atingem níveis máximos históricos.

Por outro lado, o reconhecimento internacional da economia Angolana por parte dos analistas é outro dos factores de destaque, que foram materializados através das agências de rating (Fitch, Standard & Poor's e a Moody), atribuindo uma nova notação do risco da dívida de longo prazo de Angola com perspectiva positiva de BB e Ba3.

Finalmente destacaria ainda as perspectivas do FMI de crescimento de 6,8% para 2013, devendo igualmente ser tido em consideração que no período de 2013 a 2017 existe um vasto programa de reformas estruturais com destaque para os sectores da energia e transportes que darão um impulso adicional à economia Angolana.



Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

O Banco Keve tem conseguido atingir níveis de crescimento muito relevantes ao longo dos últimos períodos, mantendo uma elevada solidez e um reforço relevante do crescimento do produto bancário. Apresenta sólidos indicadores de balanço e uma elevada margem de crescimento, nomeadamente em termos de crédito face à sua reduzida taxa de transformação (49%).

Além da sua sólida performance, o Keve tem mantido uma elevada capacidade de inovação com canais de distribuição diversificados e produtos e serviços inovadores que acompanhado do crescimento da rede e do número de colaboradores tem permitido colocar o Banco numa posição de relevo entre os seus pares.

Considero ainda relevante enfatizar que o Banco tem um conjunto de parceiros nacionais e internacionais (EUA e Países nórdicos), que permitem financiamento de longo prazo e que traduzem a confiança que existe no Keve.

O Banco tem igualmente apostado na robustez dos seus processos e pretende ser uma referência nas áreas de *Compliance* e Auditoria Interna, dando assim mais confiança aos seus clientes, colaboradores e restantes *stakeholders*.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

A evolução da taxa de bancarização (em Dezembro de 2012 segundo dados do BNA era de cerca de 24%) tem demonstrado o esforço de inclusão dos Angolanos no sistema financeiro. A constante modernização e crescimentos dos canais de distribuição, inovação na rede de agências e a diversificação dos produtos tem permitido em conjunto com as novas tecnologias trazer cada vez mais pessoas para dentro do sistema e contribui para a diversificação das fontes de proveitos e da base de clientes.

No caso específico do Banco Keve, a expansão da rede de ATM e POS, o *internet banking*, os cartões em parceria com outras instituições e o Keve tablet têm permitido ao Banco ganhar quota no sector e igualmente beneficiado da inclusão financeira, principalmente da população mais jovem e com maior apetência para as tecnologias.

As instituições financeiras, com as suas campanhas de esclarecimento, crescimento da sua rede de sucursais, inovação nos produtos e serviços têm tido um papel vital neste processo e serão durante alguns anos o *driver* desta evolução.

Elevada capacidade de inovação com canais de distribuição diversificados e produtos e serviços inovadores que acompanhado do crescimento da rede e do número de colaboradores tem permitido colocar o Banco numa posição de relevo entre os seus pares.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

Considero que a nova Lei cambial que entrou em vigor em Maio de 2012 e cuja aplicação se iniciou em Maio de 2013 deve ser vista pelos bancos como uma oportunidade e um grande incentivo, pelo facto de permitir canalizar, através do sistema bancário angolano, fluxos financeiros muito significativos e que até agora passavam essencialmente pelo circuito internacional. No Banco Keve acreditamos que esta Lei poderá resultar numa alavancagem para o nosso crescimento, caso demonstramos capacidade para captar essas operações. É igualmente um desafio pela necessidade de organização de processos, tecnologia e estrutura. Acreditamos que face à nossa vertente inovadora mas igualmente pela nossa capacidade de organização, nível de serviço e qualidade, podemos ser um dos *players* nesta área.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O sector bancário tem um papel determinante no processo de industrialização e diversificação da economia angolana, que terá sempre a necessidade dos contributos das próprias empresas e do Estado.

O Estado tem um papel muito relevante: (i) na criação das fontes alternativas de financiamento como é o caso do programa Angola Investe para PME's e microempresas, mas igualmente do Fundo Soberano (FSDEA) e do Fundo de Capital de Risco (FACRA), por exemplo; bem como na (ii) na desburocratização; e (iii) na criação de um ambiente regulatório estável e atractivo. As empresas, enquanto motor do desenvolvimento económico, devem privilegiar o rigor na gestão, a transparência e criar competências para responder aos desafios.

O sector bancário deverá actuar na capacitação dos quadros para acompanhar as tendências de diversificação e capacitação dos diversos agentes económicos e no reforço do crédito, nomeadamente em resultado do aumento do rácio de transformação dos depósitos. Por isso, considero que os bancos devem ser vistos como um suporte fundamental ao empreendedorismo e contribuir para a transparência, celeridade e rigor dos processos.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

Em 2013, e de acordo com os resultados semestrais apresentados, o Banco mantém a performance positiva registada em períodos anteriores. Face às oportunidades actualmente existentes, ao crescimento da economia e do País, consideramos que perante a sólida estrutura do nosso balanço e capital e o capital humano de que dispomos, estamos em condições para continuar a obter níveis de crescimento significativos e a aumentar a sua notoriedade no mercado e a sua posição no sector.

Em termos de metas e objectivos para 2014 e em linha com os objectivos já traçados em períodos anteriores, o Keve pretende: (i) continuar a promover o crescimento da base de clientes, através da implementação de um conjunto de iniciativas comerciais e melhorias ao apoio ao cliente; (ii) consolidar a segmentação de clientes como uma técnica essencial para o planeamento da actividade comercial; (iii) continuar a reforçar os mecanismos de gestão do risco de crédito; (iv) esforçar-se em melhorar o seu desempenho operacional, através do aumento da eficiência e produtividade dos processos internos; (v) tornar-se a instituição de referência no sector em matéria de *compliance*; (vi) continuar com o desenvolvimento de novos projectos que permitam manter uma oferta de produtos e serviços suficientemente alargada para

atender ao mercado alvo; e (vii) reforçar as competências das estruturas comerciais para consolidação do processo de planeamento comercial; (viii) manter e melhorar os processos de gestão dos balcões por objectivos comerciais; e (ix) dotar todas as equipas comerciais dos balcões das competências necessárias para o atendimento diferenciado dos clientes.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

Fruto da actual evolução do sector e da maior regulação do mesmo, considerando nomeadamente as iniciativas do Banco Nacional de Angola, alinhadas com as melhores práticas internacionais, surgem um conjunto significativo de desafios, nomeadamente:

(i) a gestão operacional e de liquidez no âmbito da nova lei cambial, conforme referi anteriormente; (ii) a redução da influência do USD na economia angolana ("desdolarização"), e os mecanismos que os bancos irão desenvolver nesse âmbito; (iii) a necessidade de consolidação das políticas e procedimentos de PBC/FT, fruto da nova legislação e do alinhamento com as melhores práticas; (iv) o desenvolvimento das bases para a transição para as IFRS; (v) o aumento da regulamentação e aplicação de melhores práticas em termos de controlo interno e *corporate governance*, nomeadamente em função da nova legislação do BNA; (vi) o desenvolvimento do mercado de capitais com o papel muito activo da CMC; (vii) o início do *awarness* para os temas relacionados com Basileia II; e (viii) a Supervisão prudencial e comportamental do BNA.

Desta forma, considero que se aproximam tempos muito desafiantes para o sector mas acredito que, após todas estas transformações, teremos um sector financeiro em Angola mais competitivo e preparado para responder aos desafios que o actual desenvolvimento económico do País coloca.

Banco Millennium Angola

Foco no Cliente



António Gaioso Henriques
Presidente do Conselho de Administração

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

O sector financeiro angolano tem crescido substancialmente e contribuído cada vez mais para o desenvolvimento da economia nacional.

Continuamos a assistir a uma forte expansão da rede de balcões dos diversos bancos comerciais e seguradoras, que vão procurando aumentar a sua capilaridade e alargar a oferta de produtos e serviços, o que tem contribuído para o crescimento da actividade financeira, bem como para o aumento da taxa de bancarização da população. Com a forte descida do rendimento da dívida pública está a alterar-se a forma de fazer banca em Angola e a generalidade dos bancos que têm taxas de transformação muito baixas vão ser obrigados a aumentar o financiamento à economia e a assumir mais risco. Importa ainda sublinhar as iniciativas do Banco Nacional de Angola como a introdução de nova regulamentação com o objectivo de aumentar a transparência, melhorar a gestão e fortalecer o sistema bancário.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

Destaca-se a implementação do novo regime cambial para o sector petrolífero, que constitui uma importante oportunidade para o sector financeiro Angolano, uma vez que introduz, necessariamente, maiores fluxos na economia, o que contribui para a robustez da Banca angolana.

Como se esperava, a nova lei originou o estabelecimento de um mercado cambial primário e secundário e permitiu aos bancos de menor dimensão, como o Banco Millennium Angola, mas mais eficientes em operações de *Trade Finance*, deixar de estar limitado aos leilões de Moeda Estrangeira do BNA e poder servir melhor os seus clientes aumentando a sua participação naquele negócio.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

Em 2012, face ao período homólogo, o número de clientes do Banco Millennium cresceu 49,2% e os resultados líquidos do Banco aumentaram 17%, atingindo o equivalente a 50,6 milhões de USD.

O Banco Millennium Angola continuou com o programa de expansão da rede comercial, inaugurando 15 novos balcões, tendo atingido no final do primeiro semestre de 2013 o total de 78 balcões, dos quais 40 têm abertura ao Sábado. Também neste período demos mais um passo importante na segmentação do nosso mercado para melhor servir os clientes com a criação de um novo centro de empresas vocacionado para a indústria petrolífera, de 7 novos centros Prestige e de uma nova tesouraria central. O Banco tem continuado a lançar novos produtos e serviços dos quais destacamos: vários produtos de poupança vocacionados para segmentos específicos de clientes; cinco novos cartões de débito Visa para Particulares e para Empresas; serviços de Mobile Banking; Leasing e Factoring; venda de Seguros através de parcerias com empresas seguradoras; Crédito Pessoal e Automóvel e serviços de Internet Banking, tendo o Banco desenvolvido as capacidades de *straight through processing* e procedido à certificação do seu sistema pela norma ISO 25010.

No âmbito do programa "Angola Investe", o Banco preparou-se com o desenvolvimento de sistemas e com a formação de colaboradores para este Programa tão estratégico, que visa estimular o empreendedorismo nacional e que acreditamos ir modificar, a prazo, o tecido empresarial angolano. Em resultado do seu forte empenho, o Banco Millennium Angola lidera o Programa Angola Investe em número de financiamentos, aprovados e concretizados, e em montante desembolsado. No domínio da formação, o BMA investe continuamente na contratação e qualificação de quadros angolanos, transmitindo-lhes a cultura da instituição e dotando-os com competências técnicas.

Em conjunto com o Banco Privado Atlântico (BPA) e a Sonangol, foi criada a Academia Millennium Atlântico (AMA), um projecto pioneiro na área da formação da Banca e Seguros, sendo que a AMA constitui um dos pilares-chave na estratégia do processo de qualificação e valorização das pessoas. Até 2015, prevê-se que sejam formados 10 mil quadros angolanos.

Adicionalmente, o Banco atribui também bolsas de estudo aos colaboradores que frequentem o ensino universitário, através de protocolos efectuados com as Universidades Católica e Agostinho Neto.

A estratégia do Banco é continuar a crescer e ser reconhecido como "O Banco" e não como um "mais um Banco", colocando o foco no cliente como o nosso principal objectivo.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

Sabendo-se que a taxa de bancarização da população angolana é ainda baixa em relação à população total do país – apenas 20% dos angolanos se encontram bancarizados - a educação financeira é um factor determinante no aprofundamento e estabilidade do sistema financeiro.

Com a sua rede de balcões que asseguram uma presença já forte a nível nacional em todas as províncias, o Banco Millennium tem dado um contributo positivo à bancarização do País, tendo já ultrapassado os 400.000 clientes.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

A componente do dólar no balanço do Banco tem vindo a diminuir. Por um lado, o BNA proibiu todo o crédito denominado em dólar de curto prazo e, por outro, com a descida das taxas dos empréstimos em kwanzas e a procura por novas operações de crédito em dólar têm vindo a diminuir, assim como os depósitos, pois o Banco está menos pressionado em captar depósitos em dólar.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O programa Angola Investe, veio ajudar a dinamizar e a diversificar a economia Angolana, apoiando o crescimento das empresas angolanas e da economia do país. Pretende-se, desta forma, fortalecer o espírito empreendedor dos angolanos e fazer com que criem novos postos de trabalho.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

A estratégia do Banco é continuar a crescer e ser reconhecido como “o Banco” e não como um “mais um Banco”, colocando o foco no cliente como o nosso principal objectivo. Gerir a manutenção de níveis de serviço adequados na entrega ao cliente, num ambiente de elevada taxa de crescimento comercial, requer uma capacidade adicional de reinventar, a todo o momento, a nossa estrutura e melhorar os nossos processos e sistemas internos, mantendo uma estrutura ágil, flexível e fiável. Apesar do factor proximidade continuar a ser o mais determinante na escolha de um parceiro bancário em Angola, o BMA irá continuar a desenvolver os canais remotos de Internet, Mobile, SMS e de Call Center Banking, como importantes portas de entrada para o Banco apresentando, de uma forma simples mas eficaz, todos os seus produtos e serviços e permitindo todo o tipo de transacções que permitam a migração de clientes para estes canais remotos.

Para 2014, conquistar quota de mercado através de uma oferta de produtos e serviços dedicada e inovadora, atingir a excelência na qualidade de serviço ao cliente e aumentar o nível de sofisticação na gestão do risco, mantendo níveis adequados de rentabilidade para os accionistas são os nossos principais objectivos.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

Com o crescimento da economia do País e do mercado bancário por um lado, e da mudança do paradigma da actividade bancário por outro, os bancos vão ser chamados a assumir riscos crescentes, num ambiente de grande concorrência com a queda generalizada das margens e de resultados. A gestão do risco e a capacidade para atrair capital irão ser os próximos desafios da Banca Angolana e os factores determinantes para a consolidação do sector.

Banco de Negócios Internacional

Paixão pelo futuro



Mário A. Palhares
Presidente do Conselho
de Administração

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

O sector bancário detém hoje um papel mais significativo na economia de Angola, dispondo de um grau de cobertura da rede bancária de 1.155 agências, distribuídas por 22 bancos, com um rácio de solvabilidade do sector de 18,62%, tendo o crédito em moeda nacional (AOA) atingido os 53,4%.

No entanto, o rácio do crédito vencido passou de 5,6% em 2011 para 10,6% em 2012, o que obriga os bancos a constituírem mais provisões para cobertura dos riscos, com a consequente redução das margens de lucro, podendo vir a condicionar o crescimento do sector. A entrada em funcionamento do CIRC – Central de Informação de Risco de Crédito, permite uma melhor avaliação dos riscos de concessão de crédito e um melhor exercício de supervisão, pelo órgão regulador do mercado bancário.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

Destacamos como principais factores a taxa de inflação de um só dígito (9,8%), a acumulação de reservas internacionais líquidas, a taxa de câmbio estável, a estabilidade nos preços do petróleo e o novo regime cambial do sector petrolífero que entrou em vigor. A conjugação destes factores irá permitir um aumento da circulação da moeda nacional e uma maior integração do sector na economia, aumentando a solidez dos bancos e a consolidação do sistema financeiro. Finalmente, destacamos também a medida aprovada para o aumento do capital social mínimo para os bancos, que será de USD 25 000 milhares e que entrará em vigor em Junho de 2014.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

Para o Banco de Negócios Internacional, o ano 2012 fica marcado pela forte aposta no “rebranding” da marca, apresentando-se ao mercado com uma imagem renovada, com nova identidade e logotipo bem como um novo *claim*: **BANCO BNI. PAIXÃO PELO FUTURO.**

Estabelecido em 13 Províncias, com um total de 569 Colaboradores e 62 Agências, o BNI serviu em 2012 um total de 95 896 Clientes. Estes indicadores, associados a uma gestão ousada, comprometida com as boas práticas de governação e a satisfação dos Clientes, permitiu-nos atingir valiosos resultados, como superar os USD 1 300 000 milhares em recursos de Clientes, alcançar um activo líquido de USD 1 700 000 milhares, fundos próprios no valor de USD 221 000 milhares e um rácio de solvabilidade de 14,73% (14,79% em 2011).

Cumprindo as boas práticas que norteiam o sector bancário acima mencionadas, o BNI dispõe já do *Compliance Link* da *Bankers Equity* – aplicativo destinado a filtrar entidades e transacções – e tem já em vigor o manual de políticas da *AML – Anti Money Laundering* e instituído o modelo de *Corporate Governance*.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

A inclusão financeira é um tema que tem sido muito discutido ao nível internacional. O índice de inclusão permite medir o grau de utilização dos serviços financeiros. Nos últimos anos, a taxa de bancarização tem vindo a crescer, sendo que actualmente é superior a 20%. O projecto Bankita, do Banco Nacional de Angola, teve um papel preponderante nesse crescimento.

Para o Banco de Negócios Internacional, o ano 2012 fica marcado pela forte aposta no “rebranding” da marca, apresentando-se ao mercado com uma imagem renovada e nova identidade.

O novo regime cambial do sector petrolífero poderá vir a ter um impacto importante na actividade dos Bancos, com o conseqüente realinhamento que poderá vir a ocorrer, na sequênciada entrada de novos players, com impacto numa eventual consolidação futura do sector.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

Para além da reorganização interna, criámos um Gabinete de OIL & Gas com recrutamento de colaboradores especializados e apresentámos já um conjunto de ferramentas avançadas, de onde se destaca a implementação de uma plataforma através de *internet banking*, que irá disponibilizar aos Clientes a execução e validação de operações, bem como uma plataforma transaccional *on line*, para compra e venda de moeda.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

Tendo em conta a necessidade de diversificação da economia, o Banco BNI aderiu ao programa Angola Investe, uma parceria entre o Governo Angolano e os Bancos Comerciais. Através deste programa, os empreendedores podem encontrar as condições ideais para desenvolverem os seus projectos.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

Inovação, através da introdução de novos produtos e novas soluções de financiamento, nomeadamente crédito especializado e banca de investimento. Consolidação do BNI no sistema financeiro, aposta nas novas tecnologias e canais complementares de negócios e esforço permanente na formação contínua dos seus quadros.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

Para além da permanente aposta na capacitação profissional dos quadros da Banca, acompanhando a evolução tecnológica e as modernas práticas do sector, é importante a implementação do *Corporate Governance*. Igualmente importante é o acompanhamento do crescimento económico do País, posicionando-se o sector bancário para poder fazer face às necessidades de financiamento que permanentemente se lhe colocam. Importa ainda fazer referência ao mercado de capitais e à mais que provável entrada em funcionamento da Bolsa de Valores, que constituirá, sem dúvida, um desafio bastante interessante para os operadores do mercado. O novo regime cambial do sector petrolífero poderá vir a ter um impacto importante na actividade dos bancos, com o conseqüente realinhamento que poderá vir a ocorrer, na sequênciada entrada de novos *players*, com impacto numa eventual consolidação futura do sector.

Standard Bank Angola

Reconhecimento e crescimento



Pedro Pinto Coelho
Presidente da
Comissão Executiva

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

Os resultados do sector em 2012 refletem uma redução significativa face ao ano anterior. Sabemos que o sector está a passar por um aumento de provisionamento resultante de crédito mal parado. Simultaneamente presenciámos uma descida significativa das taxas de juros, o que resultou numa redução da margem financeira.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

Considero que o acontecimento mais marcante foi a introdução da nova lei cambial para o sector petrolífero. Esta lei permitiu criar um mercado de divisas no sector que anteriormente estava muito dependente do BNA. Em simultâneo, o esforço de desdolarizar, a economia ao obrigar os pagamentos nacionais a serem feitos em kwanzas, veio introduzir um maior dinamismo no sector. A introdução de novas notas permitiu igualmente que a população adquirisse uma nova confiança na moeda.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

2013 foi um ano muito importante para o Standard Bank de Angola. Com apenas 3 anos de existência, o Banco atingiu um nível de reconhecimento nunca alcançado em Angola em tão pouco tempo. Com a introdução da lei cambial, as empresas começaram a dar mais atenção ao risco de crédito e credibilidade das instituições financeiras com que operam. Desta forma,

sendo o Standard Bank um banco extremamente sólido, inovador e de reconhecida qualidade de serviço, esta lei permitiu aumentar a nossa carteira de clientes de forma exponencial, ultrapassando os 100% de crescimento ao nível das receitas em relação ao ano anterior. Por outro lado, aumentámos ainda a nossa presença em Luanda e nas províncias, permitindo ter já uma massa crítica que procura atender o nosso cliente onde ele estiver.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

Acredito que a evolução do processo de inclusão financeira tem sido positiva. De qualquer forma, as instituições financeiras têm limitações grandes em termos de infraestruturas para atender a esse segmento da população. O custo das infraestruturas é elevado e não é coberto pela receita deste segmento. Acreditamos que a solução para a população com baixa renda está na utilização de contas bancárias virtuais, utilizando o telemóvel e permitindo fazer transações de baixo valor entre clientes. Esta solução irá trazer benefícios para a população ao ser um serviço mais prático, seguro e rápido em alternativa ao uso dos balcões ou mesmo dos ATMs.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

Referi já anteriormente a importância da lei cambial veio a imprimir no sector e, consequentemente, mesmo no Banco. Reforço que esta nova lei foi muito positiva para uma instituição como o Standard Bank de Angola. Este ano passámos a ser um dos líderes na actividade de *trading* de FX em Angola.

2013 foi um ano muito importante para o Standard Bank de Angola. Com apenas 3 anos de existência, o banco atingiu um nível de reconhecimento nunca alcançado em Angola em tão pouco tempo.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O sector bancário tem um papel pedagógico ao fazer uma selecção dos projectos que são financiáveis. No entanto, devem aumentar o volume de alternativas de captação de recursos nomeadamente ao nível do capital de risco. Hoje já existe um fundo a ser gerido por um banco, mas acreditamos que seria benéfico aumentar o número de fundos de capital risco, de forma a aumentar a base de capital neste segmento e criar uma concorrência saudável. Por outro lado, isto iria permitir ao Estado monitorizar a *performance* dos diversos fundos e fazer no futuro uma selecção natural dos gestores de fundos que apresentem melhores resultados.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

O Standard Bank de Angola acredita que o seu desempenho em 2013 deverá estar alinhado com o orçamentado. Tínhamos metas bastante ambiciosas mas pelo que pudemos constatar, iremos possivelmente fechar o ano com os resultados esperados. 2014 será mais um ano de crescimento significativo da nossa base de clientes e da nossa base de activos.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

O principal desafio do sector passa pela capacidade dos bancos conseguirem atingir a rentabilidade desejada num ambiente de maior concorrência, e com taxas de juro mais reduzidas. A produtividade e capacidade de gestão de risco de crédito e risco operacional irão determinar, a prazo, os vencedores no sector.

O sector bancário tem um papel pedagógico ao fazer uma selecção dos projectos que são financiáveis. No entanto, devem aumentar o volume de alternativas de captação de recursos nomeadamente ao nível do capital de risco.

Banco Angolano de Negócios e Comércio

Melhoria da qualidade dos serviços



José Aires
Presidente do
Conselho de Administração

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

No actual contexto económico mundial, caracterizado por uma desaceleração no crescimento, no comércio internacional e, conseqüentemente, nas taxas de crescimento real das economias avançadas e emergentes, destaca-se o desempenho dos principais indicadores económicos nacionais de entre os quais o comportamento da inflação de 9,02%. Um valor de apenas um dígito que permitiu ao sistema bancário aumentar o crédito à economia e dinamizar o mercado monetário interbancário, registando uma expansão dos Activo Total, próxima de 12%. Em linha com a situação económica mundial, a rentabilidade dos bancos decresceu, facto que acredito ser justificado, em parte, pelo aumento da competitividade no sector, bem como na ainda reduzida taxa de bancarização da economia. Este é um factor com impacte na possibilidade de expansão do crédito, que constitui a principal fonte de receitas do sector bancário.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

Na verdade, vários eventos tiveram impacte na economia neste período, podendo destacar-se, em 2012, o facto da economia ter alcançado uma taxa de inflação de um dígito, 9,02%, indicador que durante décadas suscitou preocupação, face o efeito depreciativo na actividade do sector financeiro e da economia no seu todo. Quanto ao primeiro semestre de 2013, destaca-se a fase crucial da implementação do Regime Cambial para Sector Petrolífero, na medida em que constitui uma medida concreta com impacte directo na “desdolarização” da economia e do sector financeiro e, conseqüentemente, da diminuição da exposição ao risco cambial.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

O Banco BANC continua a apostar na melhoria da qualidade dos serviços prestados ao sector financeiro, apostando na formação contínua dos colaboradores, no investimento em tecnologia de informação e crescimento da rede comercial. Como resposta a esta aposta, registamos a pronta receptividade do mercado com mais de 3.000 contas abertas, que puderam beneficiar dos serviços lançados em 2012, o MobileB@NC, BANC SMS e o NetB@NC. No período em análise, o crescimento do BANC ficou demonstrado através do crescimento das principais rubricas do balanço, destacando-se o activo com 8%, ascendendo a USD 158 milhões, e a capitalização aprovada para USD 58 milhões. Apesar do cenário económico de desaceleração da economia mundial e das taxas de juro decrescentes na economia nacional, o BANC atingiu um resultado positivo em 2012.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

O processo de inclusão financeira é uma iniciativa fundamental para o desenvolvimento do sector bancário em Angola. As instituições financeiras são a peça fundamental para o sucesso desta iniciativa e é notório o esforço dos bancos na promoção do crescimento do acesso a serviços financeiros básicos pela população, a micro e pequenos investidores em linha com outras iniciativas do executivo que visam o dinamizar o empreendedorismo e o emprego, como são o BUE e o Angola Investe.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

As novas leis que regulam a actividade cambial vieram simplificar o processo de realização das operações cambiais por parte dos bancos e dos seus clientes, permitindo desta forma identificar e executar as referidas operações, num período curto de tempo, tendo esclarecido algumas omissões existentes na legislação anterior. Do ponto de vista do negócio, prevemos um impacte positivo, na medida em que foram estabelecidos novos limites que possibilitam o aumento do volume transaccionado.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O sector bancário desempenha um papel central para o sucesso do programa Angola Investe, pois constitui uma iniciativa que permite ao sector, em parceria com o Executivo, promover o apoio do empresariado nacional, nomeadamente para as micro, pequenas e médias empresas, através do financiamento de formas de catalisação de novos postos de emprego e de promoção do crescimento económico, através do sector não petrolífero, com especial destaque para o sector produtivo. O sector bancário uniu-se à iniciativa e tem vindo a aumentar o número de financiamentos aprovados no âmbito do referido programa. De referir que, para o sucesso deste programa, tem sido fundamental o sistema de garantias disponibilizadas que permitem a redução do risco facilitando, assim, o processo de concessão de crédito.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

Para o exercício económico de 2013, as nossas expectativas apontam para um desempenho positivo, apesar de estar em curso um ambicioso projecto de investimento ligado à formação, investimento em tecnologia e expansão da rede de negócios do BANC, para os próximos 2 anos.

Em 2014 ambicionamos continuar o nosso projecto de expansão do BANC prevendo levar a nossa marca a novas localidades no interior do país. Para o efeito, temos como um dos principais objectivos aumentar os níveis de rentabilidade do BANC, através da satisfação das necessidades dos nossos clientes e colaboradores.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

No BANC, acreditamos que o principal desafio para os próximos anos será a crescente concorrência no sector, devido principalmente à baixa taxa de bancarização da economia, razão pela qual alinhamos com o esforço do sector e do Executivo no sentido de massificar os programas de inclusão financeira e de combate a fome, analfabetismo e a pobreza. Para tal, o sector terá de dinamizar a sua actuação e evidenciar a solidez necessária para que estes objectivos sejam alcançáveis.

Acreditamos que o principal desafio para os próximos anos será a crescente concorrência no sector, devido principalmente a baixa taxa de bancarização da economia, razão pela qual alinhamos com o esforço do sector e do executivo no sentido de massificar os programas de inclusão financeira, de combate à fome, analfabetismo e pobreza.

Banco Privado Atlântico

Cobertura nacional e crescimento sustentado



Carlos da Silva
Presidente do Conselho
de Administração

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

2012 foi um ano de forte crescimento para a economia angolana, com o PIB a registar um crescimento superior a 7%. A estabilidade da política monetária e cambial permitiu a descida da taxa de inflação para níveis abaixo dos 10% e a continuação do movimento gradual de descida das taxas de juro, o que contribuiu fortemente para estimular o crescimento económico e o nível de investimento.

O sector bancário acompanhou o crescimento da economia, registando um aumento no volume de depósitos e de crédito concedido. Apesar do balanço ser positivo, desde 2012 que o sector vive um contexto desafiante no que respeita à rentabilidade, tendo-se assistido ao aumento do rácio *cost to income* para níveis próximos dos 50%. A redução da margem financeira, entre outros factores, levou a uma quebra do resultado líquido do sector em cerca de 30%, com a consequente quebra na rentabilidade dos capitais próprios e do activo. Estes movimentos reflectem o forte processo de desenvolvimento e evolução a que o sector bancário angolano assiste, traduzindo a crescente competitividade do mesmo.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

O novo regime cambial aplicável ao sector petrolífero foi certamente um dos acontecimentos mais marcantes do ano passado. Apesar de recente, os efeitos deste novo regime já se estão a fazer sentir, com o aumento da liquidez no sistema e a preponderância do Kwanza em relação ao Dólar. Acreditamos que este novo regime cambial irá dar um forte impulso à actividade bancária, nomeadamente através do aumento da captação de recursos, do aumento do negócio cambial e da concessão de crédito à economia, conferindo maior competitividade ao sector bancário.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

Há vários marcos relevantes nas diversas áreas que compõem o nosso modelo de negócio no período analisado. Destacariamos o facto do ATLANTICO se ter tornado num banco de abrangência nacional, passando a estar presente em todas Províncias, chegando assim a mais pessoas. Em paralelo, reforçamos a nossa vocação de banca comercial de relação, através da renovação do nosso modelo de serviço, ao qual foram adicionadas componentes que permitem servir mais clientes, mantendo os critérios de rigor e excelência. Por outro lado, destacaria também o papel do ATLANTICO na estruturação, montagem e colocação da primeira emissão de um empréstimo obrigacionista subordinado em Angola.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

Os bancos têm um papel fundamental no processo de bancarização da população e têm actuado neste sentido, o que se traduziu, nos últimos anos, num aumento significativo do número de balcões, bem como do leque de produtos e serviços disponibilizados. Em paralelo, tem-se assistido a uma maior difusão de novos canais electrónicos (ATM's, TPA's e Banca Móvel) que facilitam e tornam mais rápido e cómodo o acesso aos Bancos. O ATLANTICO pretende ser um participante activo no processo de inclusão financeira da população angolana, estando actualmente presente em todo o território nacional, tendo alargado de forma significativa o seu portefólio de produtos e serviços. Outra iniciativa importante da nossa Instituição foi o lançamento de um Guia de Literacia Financeira, com o objectivo de contribuir para a divulgação das características dos principais produtos e serviços bancários, sendo o mesmo um contributo para a generalização do conhecimento relativo ao Sistema Financeiro, o seu papel, características e instrumentos que disponibiliza.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

A introdução da obrigatoriedade da maioria dos fluxos relacionados com a actividade petrolífera passar a ser intermediada pelo sistema bancário angolano em moeda nacional, levou a que o ATLANTICO efectuasse um maior investimento tecnológico em plataformas de suporte à actividade, bem como elevasse a sofisticação dos seus produtos e serviços. Nesta senda, criámos uma área de negócio específica para dar resposta ao segmento e reforçámos as áreas de suporte à actividade transaccional, com vista à melhoria dos níveis de serviço e garantir um maior alinhamento com as práticas internacionais. Aperfeiçoámos os mecanismos internos de controlo e gestão de liquidez, conferindo maior segurança e celeridade às operações.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O Angola Investe, como veículo estratégico do executivo angolano para a promoção e desenvolvimento das Micro, Pequenas e Médias Empresas, assume um papel importante no desenvolvimento de projectos de investimento em determinados sectores da economia. Os bancos fazem parte do mecanismo de transmissão e divulgação do programa, cabendo-lhes a responsabilidade de seleccionar com rigor e transparência os projectos com maior potencial de geração de valor para a economia angolana.

Os bancos têm um papel fulcral no incentivo ao empreendedorismo, nomeadamente por meio do apoio financeiro a projectos desta natureza, que originem a criação de emprego e contribuam para a dinamização das economias locais, através da concessão de crédito ao investimento em condições bonificadas.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

O Banco alcançou este ano alguns objectivos ambiciosos. Conseguimos ter cobertura nacional a partir de Março deste ano, e com o reforço do modelo de oferta e serviços definidos no nosso plano estratégico, conseguimos aumentar o número de clientes, ganhando maior dimensão.

Do ponto de vista financeiro, 2013 tem sido um ano desafiante e bastante equilibrado. Face à nova dinâmica do sector a nossa expectativa é elevada. Perspectivamos para o ano de 2013 um aumento da carteira de crédito, dando continuidade ao modelo rigoroso das políticas de concessão e de acompanhamento, com reforço ao nível do controlo interno no monitoramento destes processos. Perante estes factos a nossa expectativa é elevada e confiante para o alcance dos nossos objectivos para o ano de 2013.

Para 2014, o Banco tem como objectivos reforçar a sua posição nos segmentos em que trabalha, triplicar o rácio de clientes fidelizados, liderar a estruturação de projectos de investimento na economia Angolana e manter o crescimento sustentado e seguro gerando valor aos accionistas e mantendo o compromisso de formar quadros competentes para a nossa indústria.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

É desafiante sintetizar os vários desafios do nosso sector, alguns deles igualmente importantes, num único. Ao termos que eleger apenas um, realçaria a sustentabilidade.

Por um lado, a sustentabilidade dos níveis de rentabilidade, uma vez que o amadurecimento da margem financeira levará os bancos a uma maior necessidade de controlo sobre os custos e de busca de mais margem complementar. Este ponto é tanto mais importante, quando é necessário manter ou mesmo elevar os padrões de qualidade do serviço prestado aos clientes.

Por outro lado, a sustentabilidade da solidez do sistema, num momento em que a transformação dos depósitos em crédito é uma das vias fundamentais para continuar a crescer. Neste ponto, julgo ser importante destacar a progressiva adopção de práticas de referência ao nível da regulamentação e do reporte. Acreditamos que muito deste desafio deverá ser endereçado através das pessoas, em ordem ao reforço de uma verdadeira cultura de responsabilização.

Conseguimos ter cobertura nacional a partir de Março deste ano, e com o reforço do modelo de oferta e serviços definidos no nosso plano estratégico, conseguimos aumentar o número de clientes, ganhando maior dimensão.

Banco de Desenvolvimento de Angola

Apoio à economia



Teodoro da Paixão Franco
Presidente do
Conselho de Administração

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

Para o período em referência, os resultados mantêm-se animadores.

O ambiente macroeconómico favorável continua a sustentar a tendência positiva de crescimento do sector bancário.

Esta tendência reflecte-se nos principais indicadores de negócio bancário. A nível de captação de depósitos regista-se uma variação positiva na ordem dos 8% no 1º semestre de 2013 face ao ano anterior. O crédito ao sector privado acompanhou o mesmo desempenho no período em referência, assinalando uma variação positiva na ordem dos 7%.

Devemos referenciar ainda o acesso aos serviços bancários pela população que regista uma taxa de 23% contra os 11% de há dois anos atrás, o que se poderá traduzir numa maior distribuição do crédito como factor de inclusão social.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

A nossa economia sofreu um abrandamento com a crise económica e financeira, voltando a dar sinais de vitalidade a partir de 2011. A economia em 2012 cresceu a uma taxa estimada de 7,9%, e com perspectivas de crescer a 8% em 2013, como resultado do contínuo estímulo dos investimentos públicos para prosseguir a diversificação da base económica associada ao aumento da produção do petróleo e gás.

O factor marcante no desempenho da economia no período em referência foi a conclusão, com sucesso, da implementação do Programa de Ajustamento Macroeconómico resultante do acordo *Stand-By Agreement (SBA) 2009-12* estabelecido com FMI em 2009. Este programa permitiu a estabilidade das variáveis macroeconómicas, dentre as quais a taxa de câmbio e a taxa de inflação que atingiram um nível histórico de 9%, propiciando as condições necessárias para o país manter o seu risco de crédito soberano no nível BB, mas com uma perspectiva positiva junto das agências de notação de risco internacional.

Para o mesmo período é digno de nota a criação do Fundo Soberano de Angola como instrumento de protecção da economia contra a dependência do petróleo, fazendo investimentos em sectores da economia não petrolífera.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

À luz do Plano Nacional de Desenvolvimento de Angola 2013-2017, o BDA elaborou o seu Plano Estratégico 2013-2017, no sentido de se ajustar aos desafios estabelecidos para os próximos 5 anos e fortalecer a sua acção financiadora e organizativa para melhor contribuir para o desenvolvimento do sector privado nacional, buscando, para tal, reposicionar a sua estrutura de recursos, bem como o aprimoramento e a ampliação da sua capacidade operacional.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

O processo de inclusão financeira está no bom caminho, embora se reconheça que ainda há muito por percorrer a julgar pela taxa de bancarização do país situada em 23%. Portanto, a abertura de uma conta bancária constitui o primeiro dos vários passos de um processo de inclusão financeira.

Este processo apresenta vários desafios tanto à entidade reguladora e fiscalizadora do sistema financeiro, quanto aos seus operadores: (i) necessidade de aumentar o acesso pela população dos serviços financeiros; (ii) reduzir a iliteracia financeira da população; (iii) reduzir a actual assimetria regional na distribuição dos serviços financeiros - grande parte destes serviços ainda estão concentrados em Luanda.

No sentido de superar este desiderato, várias acções têm sido tomadas pelo Banco Central, entre as quais, os programas de educação financeira e o Projecto Bankita que permite à população com baixa renda ter o acesso de simplificado ao sistema bancário. A entrada de mais bancos e a expansão de agências pelo país também poderá contribuir para uma inclusão financeira que se quer equilibrada, responsável e sustentável. Nestes moldes, a inclusão financeira constituir-se-á um veículo fundamental para o desenvolvimento socioeconómico do país, gerando mais poupança para as famílias e investimentos para as empresas.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

Por limitações estatutárias o BDA não realiza transacções financeiras resultantes das actividades petrolíferas e diamantíferas. Deste modo, a nova lei cambial para o sector petrolífero não tem impacto directo sobre actividade do BDA.

Mas para o sistema bancário nacional, a nova lei cambial permitirá uma maior disponibilidade do fluxo monetário em moeda nacional, uma vez que todos os pagamentos das empresas petrolíferas e das suas prestadoras de serviços serão feitos em moeda com curso legal. Este *stock* em moeda nacional poderá aumentar a capacidade do sistema bancário de financiar a economia contribuindo para a diversificação da base produtiva.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

A rede bancária constitui um veículo privilegiado para expansão da linha de financiamento Angola Investe, através da sua capilaridade, tornando o programa mais acessível às micro, pequenas e médias empresas nacionais distribuídas pelo país. Em termos práticos a operacionalização desta linha de crédito por parte dos bancos ainda não atingiu os níveis desejados. Algumas dificuldades conjunturais e também estruturais têm-se apresentado e vão sendo paulatinamente superadas pelos bancos e pelo Ministério da Economia.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

É expectável para o presente ano económico um resultado de exercício positivo que permita honrar os compromissos assumidos pelo Banco.

Para o próximo ano, o BDA pretende consolidar sua posição de instrumento do Governo, para com a sua acção financiadora e contribuir de forma inequívoca e preponderante para a reestruturação e desenvolvimento dos diversos sectores produtivos da economia nacional.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

Apesar do assinalável crescimento da Banca, ainda há muito por fazer para se atingirem os níveis de eficiência desejáveis.

Deste modo, alguns reptos impõem-se ao sector. Por um lado, o défice de informação, de documentação e de literacia financeira que a população apresenta e, por outro lado, os bancos deverão capacitar os seus colaboradores e melhorar os seus processos de acesso ao crédito.

Neste âmbito, reputa-se de capital importância a necessidade de expansão dos programas de educação financeira e de acesso aos produtos financeiros a nível nacional, bem como a melhoria do sistema de garantias.

Para o próximo ano o BDA, pretende consolidar sua posição de instrumento do Governo, para com a sua acção financiadora, contribuir de forma inequívoca e preponderante para a reestruturação e desenvolvimento dos diversos sectores produtivos da economia nacional.

Paralelamente, outros sectores não-financeiros, mas que concorrem directa ou indirectamente, para o bom funcionamento da Banca e não só, devem acompanhar esta evolução dinâmica do sector financeiro. Referimo-nos ao excesso de burocracia administrativa no geral, à morosidade e ao elevado custo de constituição de hipotecas, à acção morosa dos tribunais na execução das hipotecas, etc. Estes e outros aspectos são relevantes e devem, a curto prazo, constar da agenda do Governo como forma de dinamizar a economia.

Será determinante a inovação e capacidade de diferenciação entre bancos



Fernando Mendes Teles
Presidente do Conselho de Administração

Que apreciação faz dos resultados alcançados pelo sector bancário em 2012 e no primeiro semestre de 2013?

O ano de 2012, foi um ano exigente para o sector bancário angolano em geral. Foi um ano em que os principais players do mercado viram os seus resultados decrescer em função da diminuição da margem financeira. Assistimos ao aumento da taxa do crédito mal parado, fruto das dificuldades sentidas por parte de alguns clientes.

Contrariamente aos principais bancos, o Banco BIC registou um crescimento de 7% dos resultados líquidos obtidos em 2012. O crescimento do volume de negócios, com um reforço substancial dos recursos captados de clientes, o acompanhamento da margem financeira e, ainda, o rigoroso controlo dos custos de estrutura do banco, foram determinantes para os resultados alcançados.

O primeiro semestre do ano revela-se modesto, mas dentro das expectativas.

Fazendo uma retrospectiva da evolução da economia angolana em 2012, bem como do primeiro semestre deste ano, qual considera ter sido o acontecimento mais marcante?

Para muitos, o ano de 2012 foi, considerado como histórico para a economia angolana pelo comportamento observado nos principais indicadores macroeconómicos. A estabilidade da taxa de inflação, mantém a sua tendência decrescente, permanecendo abaixo dos 10%, o que para um país, que num passado recente apresentou taxas elevadas, trata-se realmente de um feito admirável.

Para o período em análise que aspectos gostaria de destacar na actividade do Banco a que preside?

Apesar da forte concorrência e o abrandamento da economia o Banco BIC, manteve o seu plano de crescimento, quer por via da expansão da rede comercial, quer por via do crescimento do seu volume de negócios. De referir, que somos o banco privado com a maior rede comercial em Angola(203 Agências), procurando estar cada vez mais próximo de todos os Angolanos.

Por outro lado, com a aquisição do BPN, em Portugal, o BIC Português já possui 212 Agências, o que nos permite estar mais próximo das empresas com transacções entre Angola e Portugal.

É relevante destacar a criação do departamento de Oil & Gas, que conta com uma equipa dinâmica, fluente em vários idiomas, estruturada de forma a prestar um atendimento personalizado a cada empresa. Foram também implementadas novas ferramentas tecnológicas que permitirão gerir o aumento do fluxo transaccional de forma ainda mais inovadora, eficiente e segura.

Adicionalmente, o projecto de internacionalização levado a cabo, fez-nos chegar, também, a Cabo Verde, Brasil e brevemente Namíbia e África do Sul, e assume um papel fundamental para o nosso crescimento, na medida que permite o apoio aos clientes comuns, empresas e particulares que operam nestes mercados.

Como avalia a evolução do processo de inclusão financeira em Angola? Que papel têm tido as instituições financeiras neste processo?

O processo de inclusão financeira em Angola é uma realidade, que está no bom caminho e a permitir uma maior bancarização da população.

O facto dos principais bancos da praça, terem aderido ao protocolo de cooperação do programa Bankita, foi determinante para o sucesso do mesmo. Este acordo permite que os Bancos Comerciais possam, disponibilizar aos Clientes de menor renda serviços financeiros básicos, só assim se consegue alargar o acesso ao circuito bancário a todos os cidadãos.

Para o BIC é fundamental promover a bancarização do povo angolano, por essa mesma razão continuamos a expandir a nossa rede comercial por todo o Território Nacional, para chegar junto de toda a população.

Como avalia o impacto da nova lei cambial na actividade do Banco a que preside?

A nova Lei Cambial é uma mais valia para o desenvolvimento da economia Angolana e em especial no fortalecimento da moeda local, desincentivando o uso do Dólar para as transacções correntes no país.

Em termos de impacto para o Banco, a nova lei já se faz notar, aumentando de forma significativa o acesso a dólares por parte do Banco, o que permite uma maior celeridade na conversão de moeda e os consequentes pagamentos ao exterior, melhorando os níveis de serviço aos clientes com especial enfoque nas Empresas, que assim conseguem mais rapidamente honrar os seus compromissos de pagamento e aumentar as suas margens de negociação e consequentemente de rentabilidade.

Outro aspecto importante nomeadamente no que concerne ao novo aviso 13/2013, verifica-se uma melhoria significativa no processo de licenciamento de contractos de pagamentos de serviços ao exterior, possibilitando mais uma vez uma melhoria significativa dos níveis de serviço prestados pela banca aos seus clientes.

Como avalia o papel do sector bancário no apoio ao empreendedorismo, nomeadamente no que diz respeito ao programa Angola Investe?

O programa Angola Investe é muito importante para o relançamento económico. Destinando-se, essencialmente, a empresas de capital angolano, deve ser aproveitado para o desenvolvimento da agricultura, pecuária e indústria. Infelizmente são sectores em que o conhecimento é imprescindível e, por isso, os promotores nem sempre mostram a capacidade necessária.

Quais são as expectativas do Banco quanto ao seu desempenho financeiro em 2013 e quais são as principais metas e objectivos para 2014?

Temos a expectativa que o Estado diminua a dívida para com as empresas, o que nos permitirá aumentar o crédito às mesmas, melhorando, assim, os nossos objectivos. Notamos que o nosso desempenho em 2014 está dependente do esforço do Estado na recuperação do país, com a adjudicação de novas obras públicas. Os privados estão a crescer a sua actividade, com o apoio do BIC, mas não estamos a aprovar tanto crédito como desejaríamos, porque os empreendedores estão muito endividados na banca.

Qual é, na sua opinião, o principal desafio do sector bancário para os próximos anos?

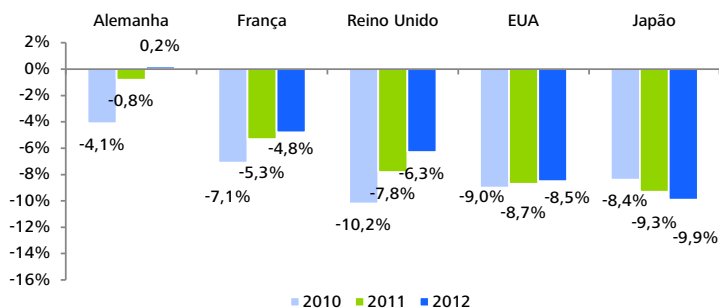
Com a nova lei cambial, prevê-se a entrada de novos bancos num mercado cada vez mais competitivo. Perante o aumento da concorrência que se tenderá a observar na banca angolana com possíveis movimentos de consolidação, será determinante a inovação e capacidade de diferenciação entre bancos, no que respeita à qualidade do serviço prestado, à oferta de novos produtos financeiros e tecnologias de informação.

Será determinante a inovação e capacidade de diferenciação entre bancos, no que respeita à qualidade do serviço prestado, à oferta de novos produtos financeiros e tecnologias de informação.



Enquadramento macroeconómico

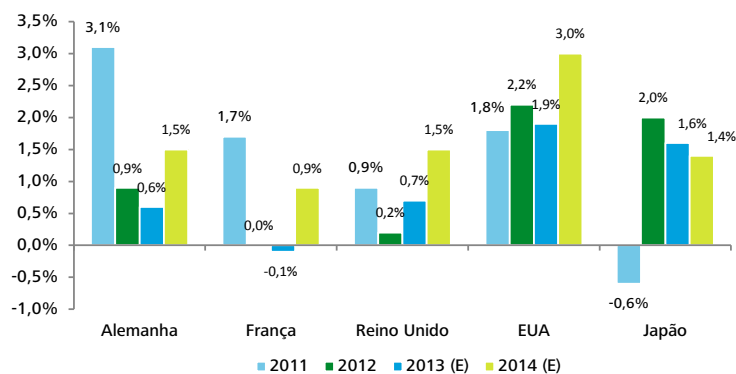
Défices públicos (2010 - 2012)



Unidade: Percentagem do PIB.

Fonte: Eurostat, US Federal Government e Global Finance.

Evolução do PIB (2011 - 2014)



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2013.

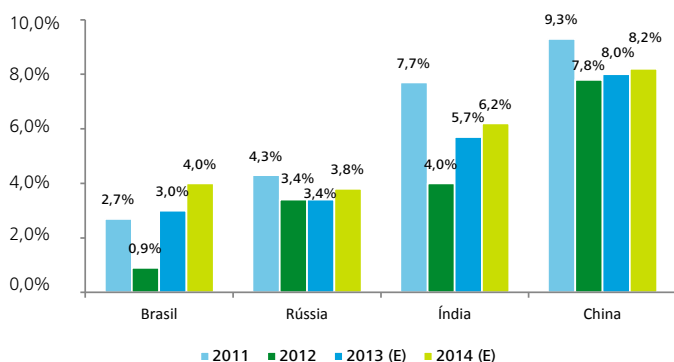
Introdução

A economia mundial continua a enfrentar um período conturbado. Ao fraco desempenho das economias europeias e norte-americanas, junta-se o abrandamento do crescimento das economias emergentes. No entanto, o mundo apresenta hoje melhores perspectivas de crescimento económico que há um ano atrás. Este avanço deve-se sobretudo ao ultrapassar das ameaças de ruptura da zona euro e da potencial contracção fiscal acentuada nos Estados Unidos, que resultaria no corte abrupto da despesa e do aumento da carga fiscal.

Na zona euro prevê-se para 2013 uma contracção de 0,3% e para 2014 um crescimento de 1,1%. Estes resultados reflectem não só a situação dos países periféricos, mas também o desempenho menos positivo das economias centrais, como a Alemanha e França. Paralelamente aos programas de apoio externo que já se encontram em curso, Portugal, Irlanda e Grécia, e da possível necessidade de novos resgates a estes países, as dificuldades sentidas pelas economias cipriota e espanhola obrigaram ao lançamento de dois programas adicionais, este último centrado apenas no sector bancário. A complexidade da situação na zona euro, continua ainda a ser agravada pelo risco de instabilidade política e económica em Itália.

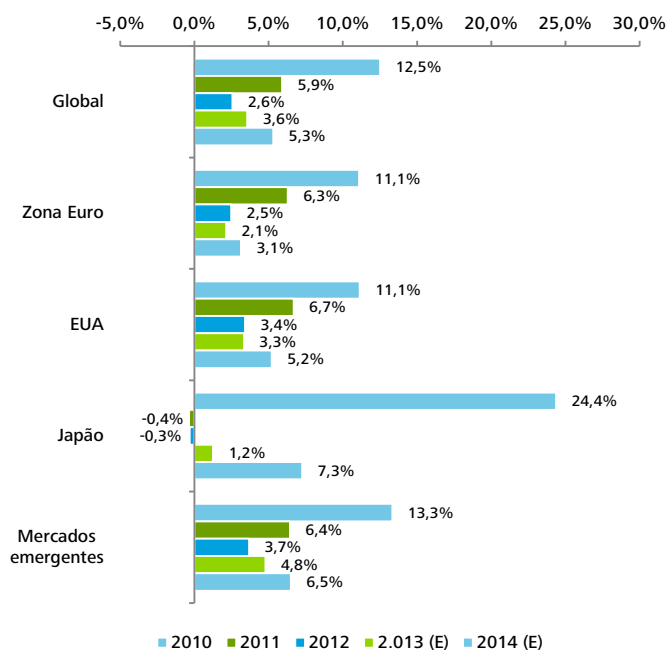
Os resultados práticos das melhores condições de financiamento disponibilizadas aos países periféricos não estão ainda a ser sentidos na economia real, por parte de empresas e famílias, em particular o acesso ao crédito continua a ser limitado pelas condições das próprias Instituições Financeiras. Paralelamente, as políticas fiscais adoptadas por diversos países europeus continuam a afectar a recuperação económica inibindo o crescimento do consumo interno e restringindo a capacidade das empresas para reforçar a sua competitividade. Apesar de toda a turbulência e incerteza, começam a aparecer alguns sinais positivos de retoma, alimentados pelas perspectivas de aceleração das economias alemã e francesa.

Evolução do PIB nos BRIC (2011 - 2014)



Fonte: FMI – World Economic Outlook 2013.

Comércio mundial – Evolução de exportações (2010 - 2014)



Fonte: FMI.

No que se refere aos Estados Unidos da América, o consumo privado, aliado ao reavivar do mercado imobiliário abre perspectivas positivas para a segunda metade de 2013. No entanto, o processo de consolidação fiscal da economia norte americana não permite que o crescimento económico ultrapasse em 2013 os dois pontos percentuais (1,9%). As previsões de crescimento da economia norte americana para os próximos anos encontram-se intrinsecamente dependentes deste processo de consolidação e da capacidade de definição de um plano que garanta a médio/longo prazo a sustentabilidade fiscal.

Como sinal positivo de retoma deve-se ainda destacar o Japão. Depois de alguns anos de contracção ou crescimento residual, a economia japonesa apresenta para 2013 perspectivas de crescimento de 1,6%. Estes resultados são em grande parte devidos às reformas estruturais e estímulos fiscais que têm vindo a ser implementados.

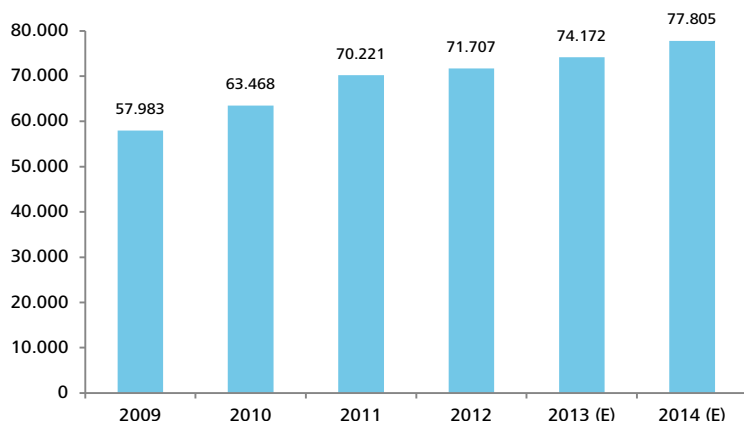
Tendo em conta o actual cenário macroeconómico, prevê-se que as economias desenvolvidas apresentem em 2013 um crescimento de 1,2%, devendo em 2014 continuar a trajectória ascendente e ultrapassar os dois pontos percentuais.

A menor procura registada nas economias desenvolvidas, teve um impacto negativo no desenvolvimento das economias emergentes.

Apesar dos resultados positivos, o crescimento destas economias apresentou uma desaceleração acentuada no decorrer de 2012. Para além da menor procura dos países desenvolvidos esta desaceleração deveu-se à adopção de políticas internas mais restritivas e à redução do investimento. Não obstante os resultados alcançados em 2012, o reavivar das exportações permite o reforço do crescimento económico destes países, abrindo boas perspectivas para o segundo semestre de 2013 e para 2014.

Note-se, no entanto, que a retoma das economias desenvolvidas, e em especial da economia norte-americana, poderá vir a promover uma redução do volume de Investimento Directo Estrangeiro (IDE) nos mercados emergentes. Este efeito poderá ser atenuado pelo crescimento do consumo interno, contribuindo para a sustentabilidade destas economias.

Valores do PIB (2009 - 2014), total de 188 países



Unidade: Mil milhões de dólares.
Fonte: FMI.

Principais indicadores macroeconómicos

Produto Interno Bruto

O produto interno bruto apresenta uma tendência de crescimento e segundo as previsões do FMI esta tendência irá manter-se em 2013 e 2014. A disparidade entre as economias desenvolvidas e as economias emergentes ou em vias de desenvolvimento continua a ser muito significativa, com 5% dos países a representarem 65% do produto interno bruto mundial.

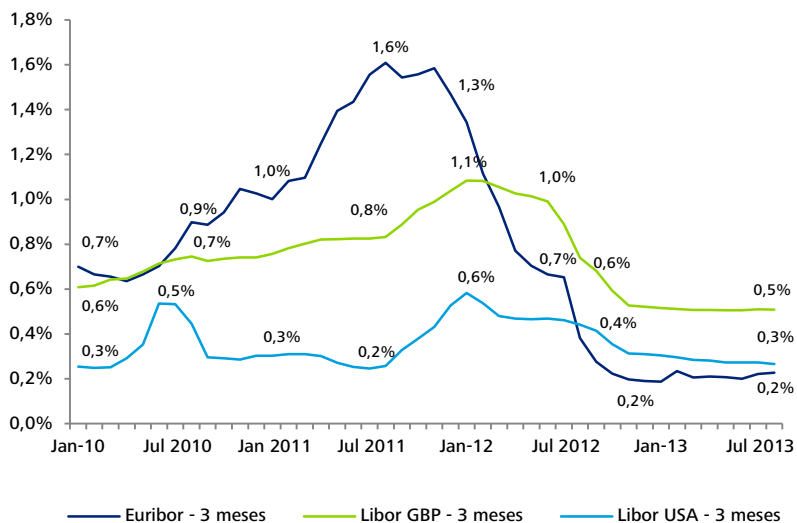
Os Estados Unidos da América, a China, o Japão, a Alemanha e a França continuam a ocupar o top 5 da economia mundial. A Rússia, por seu turno, passou a ser a oitava maior economia mundial ultrapassando a Itália.

Taxas de juro

Depois da queda acentuada em 2012, em 2013 a Euribor tem se mantido relativamente estável, fixando-se actualmente em valores inferiores às taxas de referência do dólar e da libra.

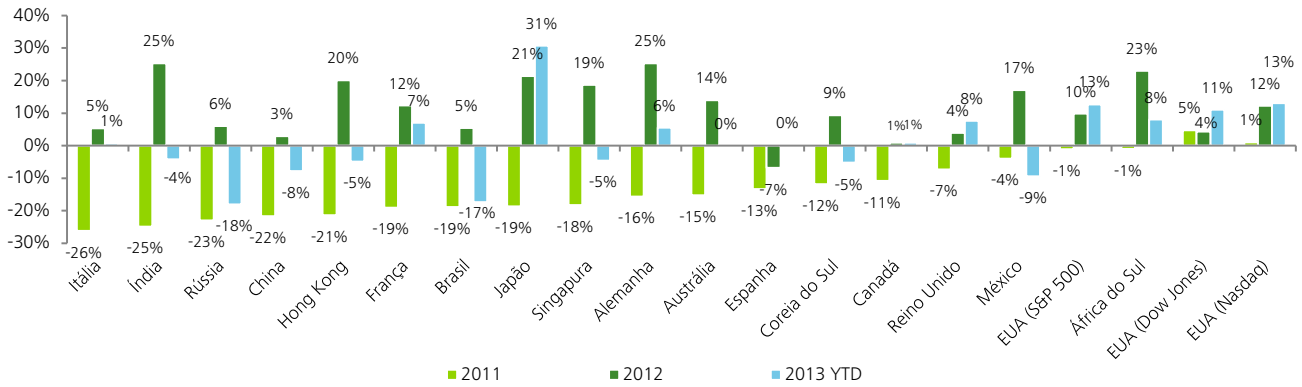
O comportamento das taxas de juro tem sido condicionado pela actuação dos bancos centrais. Com a retoma das economias norte-americana e europeias, perspectiva-se que possa surgir uma inversão das políticas definidas, levando ao aumento substancial das taxas de juro de referência.

Taxas de juro (2010 - 2013 YTD)



Fonte: Banco de Portugal, BBA.

Evolução dos mercados financeiros



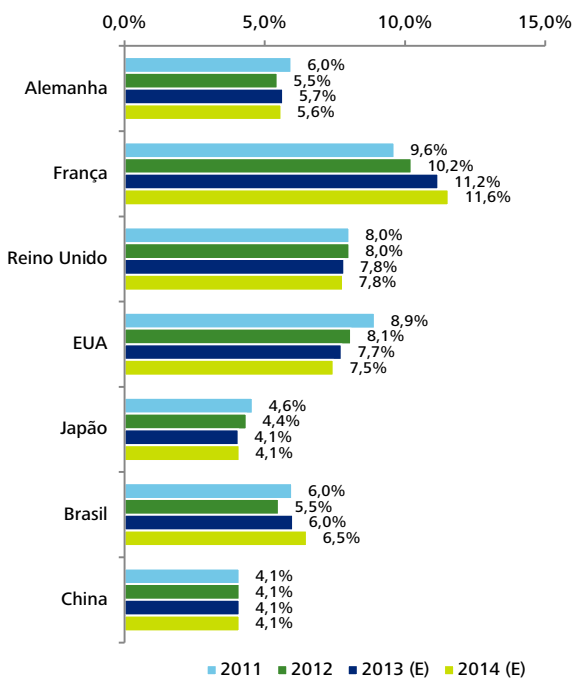
Fonte: Yahoo Finance, RTS.RU, MSN Finance, Investing.com.

Mercados accionistas

Depois de se observarem, em 2011, perdas nas principais bolsas mundiais, em 2012, esta tendência inverteu-se, tendo os mercados voltado aos ganhos. O crescimento registado em 2012, em muito se deve ao desempenho dos mercados na Índia, Hong Kong, Japão, Alemanha e África do Sul, que apresentaram crescimentos superiores a 20%.

Com a entrada em 2013, foi contrariada esta evolução positiva, sendo os ganhos registados praticamente nulos. No decorrer do presente ano, tem-se registado um desempenho menos positivo de algumas economias emergentes, como o Brasil e a Rússia. Os EUA e o Japão apresentam, por sua vez, um desempenho assinalável, registando hoje um crescimento muito significativo face ao princípio do ano.

Taxa de desemprego (2011 - 2014)



Taxa de desemprego

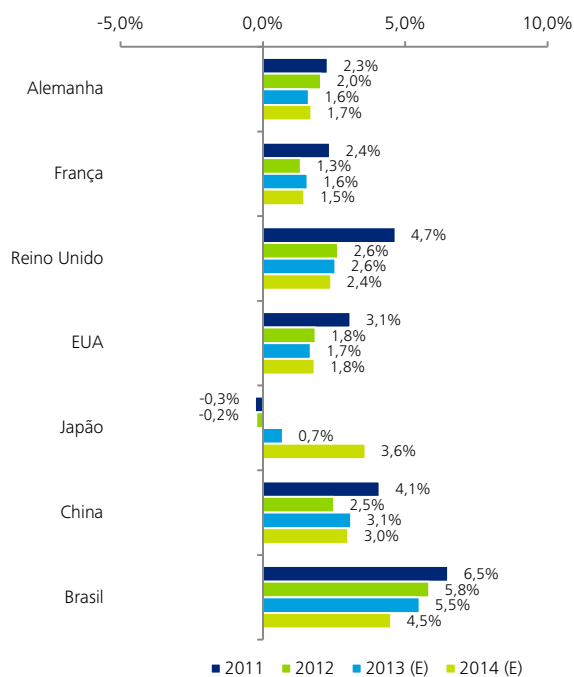
Com a retoma económica, a taxa de desemprego no EUA e Japão, bem como na generalidade das economias emergentes, apresentam para 2013 e 2014 previsões de estabilização ou redução. Em sentido inverso, a zona euro apresenta perspectivas de aumento da taxa de desemprego.

As estimativas para a zona euro, devem-se não só à situação registada na generalidade dos países periféricos, mas também à situação económica registada em países centrais como França. Para que este cenário possa ser estruturalmente invertido, deverão ser implementadas políticas activas de gestão do mercado de trabalho, como a introdução de programas que potenciem a empregabilidade dos grupos de risco, em particular dos jovens.

O norte de África e Médio Oriente devem seguir a tendência europeia e apresentar um crescimento da taxa de desemprego.

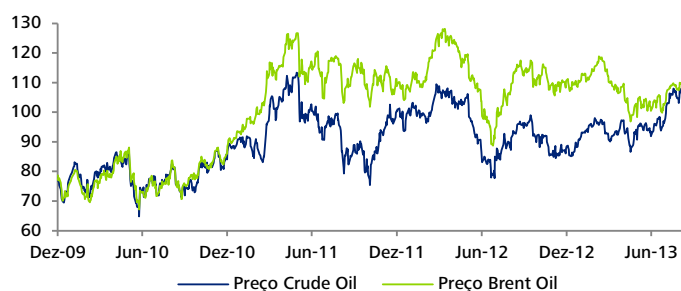
Fonte: FMI.

Taxa de inflação



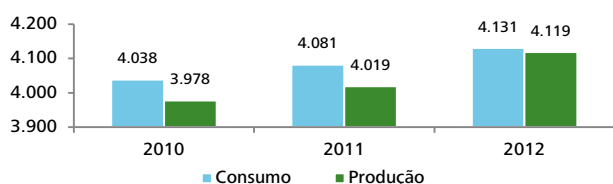
Fonte: FMI.

Preço do petróleo (2009 - 2013 YTD)



Unidade: Dólares por barril.
 Fonte: US Energy Information Administration.

Consumo vs Produção de petróleo



Unidade: Milhões de toneladas.
 Fonte: BP – Statistical Review of World Energy 2013.

Taxa de inflação

Em 2012 houve uma redução significativa na inflação, quer nas economias desenvolvidas quer nos mercados emergentes. Para 2013 prevê-se que esta tendência se mantenha.

Depois de 3 anos em terreno negativo a inflação no japão assumiu em 2012 valores positivos, mas ainda assim muito próximos de zero. Prevê-se que para 2013 a inflação mantenha valores semelhantes aos verificados no ano transacto, prevendo-se ainda para 2014 uma descolagem para valores na ordem dos 3%.

Petróleo

As projecções relativas à evolução dos mercados e ao sucesso da retoma económica estão, naturalmente, dependentes da evolução do preço do petróleo.

Nos últimos 18 meses o preço do petróleo tem se mantido relativamente estável, assumindo valores a rondar os 105 USD por barril. O aumento do preço verificado no fim de 2012 e início de 2013, foi não só resultado das pressões e instabilidade sentida no médio oriente, mas também, resultado do aumento da procura associado à melhoria do panorama económico mundial.

Ao contrário do que se vinha a verificar ao longo dos últimos 2 anos, em que o Brent assumia de forma constante valores superiores, os preços do Brent e Crude Oil voltaram a convergir – Brent Oil (111 dólares por barril) e Crude Oil (107 dólares por barril). No entanto, e segundo a Agência Internacional de Energia, estes valores terão no curto prazo tendência a divergir, visto que os trabalhos de manutenção das infra-estruturas do mar do norte planeados para o 3º trimestre de 2013 deverão levar ao abrandamento da produção nesta zona de exploração, pressionando o aumento do preço do Brent. O desenrolar dos acontecimentos no médio oriente, também terá, naturalmente, um enorme impacto na evolução destes preços.

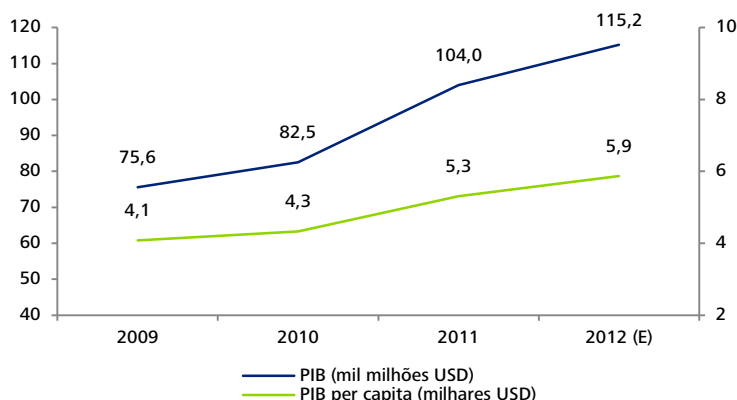
Para o segundo semestre de 2013 projecta-se que o preço nominal se situe em média nos 103 USD por barril e que para 2014 se verifique uma ligeira subida para 105 USD por barril.

Em 2012 verificou-se um aumento da produção superior ao aumento do consumo, 2,2% e 0,9% respectivamente. No entanto e apesar do crescimento superior da produção, o consumo permaneceu marginalmente mais elevado (0,3% face à produção).

Enquadramento economia angolana

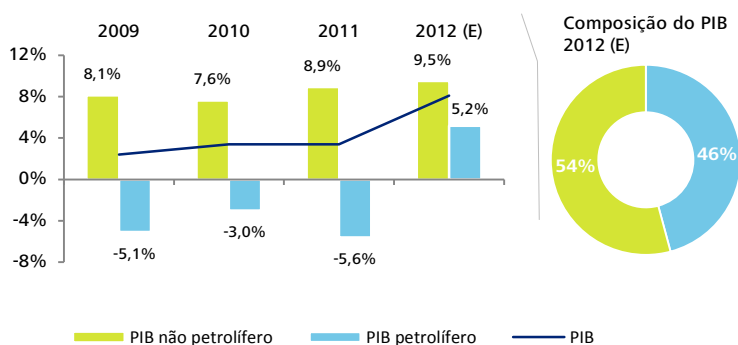


Evolução do PIB (2009 - 2012)



Fonte: FMI, BNA, Ministério das Finanças de Angola.

Evolução do PIB petrolífero e não petrolífero (2009 - 2012)



Fonte: Banco Mundial.

Introdução

A par dos sinais positivos de retoma à escala mundial, a economia angolana acelerou o seu ritmo de crescimento, passando dos 3,4% apresentados em 2011, para cerca de 8% em 2012. Este crescimento em muito se deve à retoma do sector petrolífero, em resultado do aumento dos preços do petróleo e do aumento de produção nacional. Os bons resultados verificados pelo sector petrolífero permitiram ainda reforçar a posição fiscal do Governo e equilibrar a situação orçamental.

No decorrer de 2013 foram tomadas importantes acções que deverão contribuir para aumentar a transparência da gestão das finanças publicas, mantiveram-se os resultados positivos no que toca à política de estabilização das taxas de câmbio e foi garantida uma redução consistente da inflação.

Com as perspectivas de estabilização do preço do petróleo, bem como o reforço da produção nacional nos próximos anos (prevê-se para 2013 o aumento da produção média diária para 1,84 milhões de barris e que até 2015 se atinja os 2,0 milhões de barris por dia) prevê-se que em 2013 e 2014 a economia continue a crescer a um ritmo superior a 7%.

Principais indicadores macroeconómicos

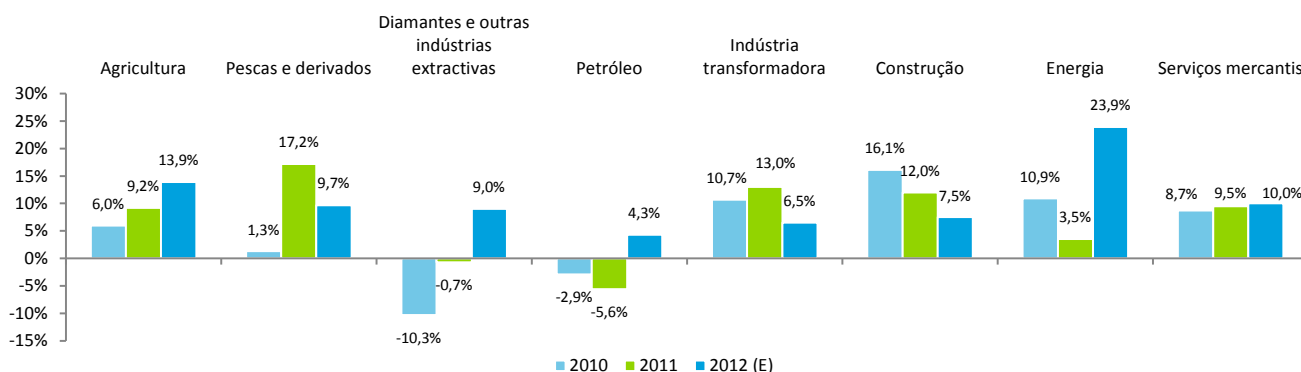
Produto Interno Bruto

Como reflexo da crise financeira o PIB angolano registou entre 2009 e meados de 2011 um crescimento moderado. Durante este período e apesar da contracção do PIB petrolífero, o desempenho do sector não petrolífero permitiu um crescimento a rondar os 3%.

A partir do segundo semestre de 2012, o sector petrolífero deu um novo impulso à economia, contribuindo positivamente para o crescimento global do PIB de 8,1% em 2012.

De acordo com as estimativas dos principais analistas de mercado prevê-se que esta evolução se mantenha nos próximos anos, perspectivando-se para 2013 um crescimento de 7,2% e de 7,5% para 2014.

Evolução do PIB por sectores de actividade (2010 - 2012)

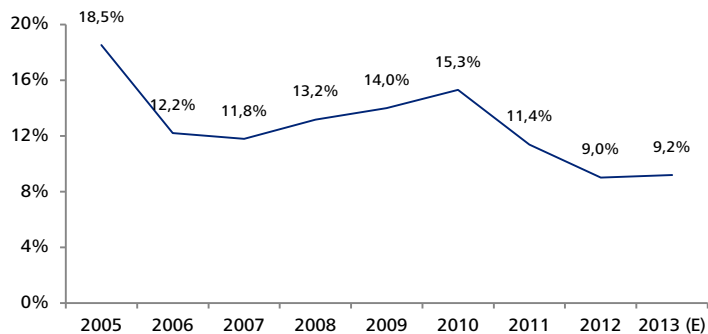


Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado - 2013.

A dependência que a economia angolana apresenta face ao sector petrolífero e às importações, continua a colocar o tema da diversificação na ordem do dia. O desafogo fiscal promovido pelo crescimento do sector petrolífero pode ser canalizado para investimento público, contribuindo para o reforço dos restantes sectores. Paralelamente, a manutenção de políticas económicas que salvaguardem a competitividade dos sectores não petrolíferos, como o controlo da inflação e da taxa de câmbio, poderá também continuar a ser um instrumento importante neste processo de diversificação.

Tendo em conta as restrições de acesso ao crédito sentidas pela maioria das empresas, em especial pelas PME's, os programas de concessão de crédito orientados para as micro, pequenas e médias empresas poderão continuar a assumir-se como um importante contributo para a diversificação da economia e competitividade das empresas.

Taxa de inflação homóloga de Angola



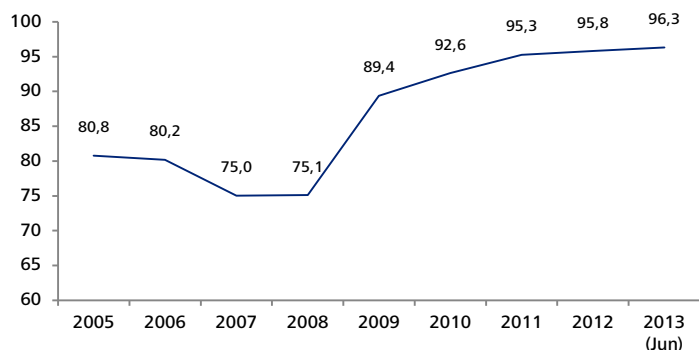
Fonte: BNA.

Taxa de inflação

A inflação continua em trajectória descendente. As políticas monetárias permitiram que em 2012, e apesar do contexto de forte crescimento económico, se tenha registado uma taxa histórica abaixo dos 10%.

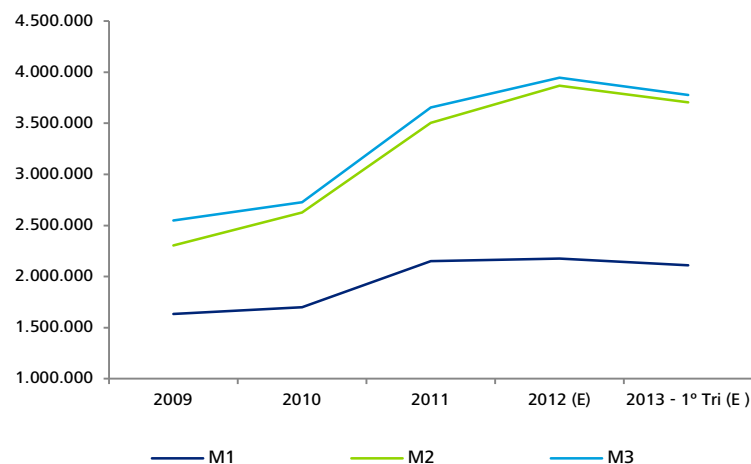
A continuação do seguimento destas políticas de gestão e controlo da inflação, alimentam a expectativa de que os resultados deste ano se mantenham em linha com os resultados registados em 2012.

Taxa de câmbio



Fonte: BNA.

Massa monetária



Fonte: BNA.

Taxa de câmbio

Desde 2011 a taxa de câmbio face ao dólar americano tem sofrido apenas pequenas flutuações, apresentando uma trajetória moderadamente ascendente. Em Junho de 2013 a taxa de câmbio estava em 96,3 kwanzas por dólar.

A evolução da taxa de câmbio é consequência directa da política de estabilização cambial levada a cabo pelo BNA. A estabilização da taxa de câmbio, bem como o processo de “desdolarização” da economia, são fundamentais para o controlo da inflação a longo prazo e para garantir a competitividade da economia angolana.

Massa monetária¹

Ao contrário do verificado em 2011 e 2012, durante o 1º trimestre de 2013 a massa monetária sofreu uma contracção. A contracção da massa monetária em moeda nacional foi superior à contracção verificada em moeda estrangeira.

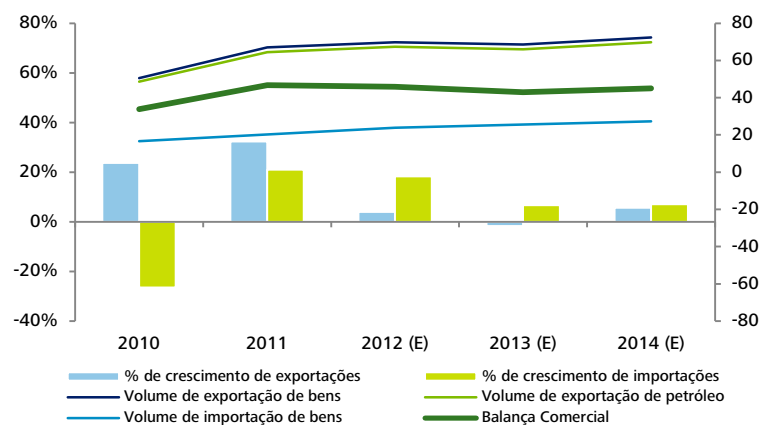
¹ A Massa Monetária é composta por M1, M2 e M3:

M1 (Moeda): compreende as notas e moedas em poder do público, mais os depósitos à ordem de empresas, de particulares e do governo local, em moeda nacional e moeda estrangeira.

M2 (Moeda + quase Moeda): M1 + os depósitos a prazo das empresas e de particulares, em moeda nacional e estrangeira, mais outras obrigações em moeda estrangeira de empresas e particulares.

M3 (Meios de Pagamento): M2 + Outros Instrumentos Financeiros, representados pelos títulos do banco central em poder de entidades privadas, mais os Empréstimos e Acordos de Recompra, quer em moeda nacional quer em moeda estrangeira, dos particulares e das empresas não financeiras privadas.

Balança comercial



Unidade: Milhares de milhões de USD.

Fonte: FMI.

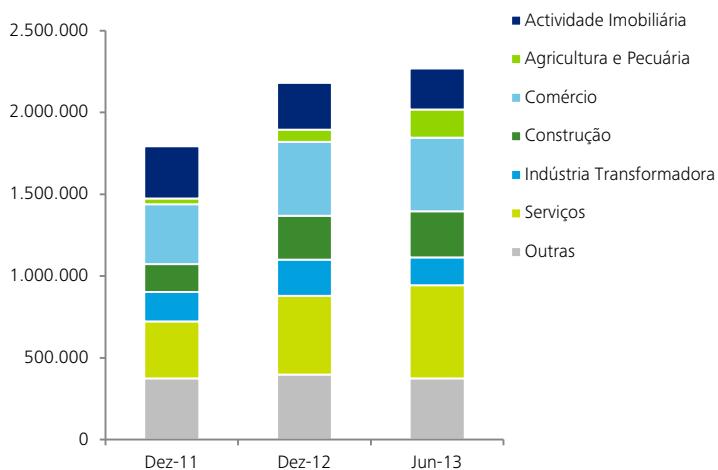
Balança comercial

A partir de 2011 tem-se registado uma estabilização da balança comercial.

Em 2012 o sector petrolífero continuou a representar um peso muito significativo no bolo das exportações, representando mais de 96% do volume total de exportações. Os sectores do gás, produtos petrolíferos refinados e diamantes representam cerca de 3%. Do lado das importações, os produtos agrícolas e bens alimentares assumem cerca de 20% do volume total de bens importados.

Apesar de ser esperado um crescimento percentual ligeiramente superior das importações face à exportações, prevê-se que seja mantido o equilíbrio na balança comercial.

Crédito à economia por sector de actividade



Unidade: Milhões de kwanzas.

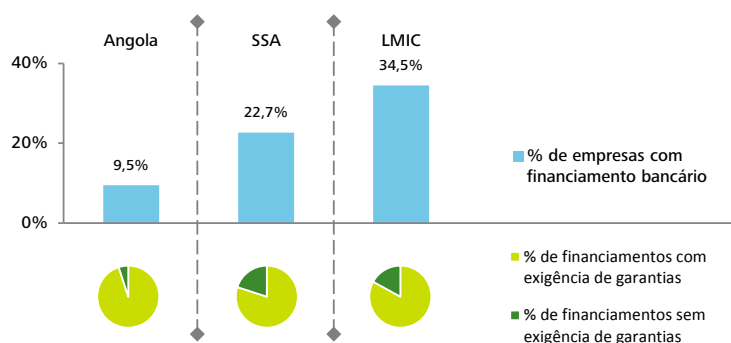
Fonte: BNA.

Crédito à economia

Em 2012 verificou-se um aumento do crédito à economia de 22%, tendo sido ultrapassada a barreira de 2.100 mil milhões de kwanzas. No final de 2012, e apesar dos sectores de comércio e serviços continuarem a ser as rubricas com maior expressão, os sectores agrícola e construção registaram os crescimentos mais significativos.

No primeiro semestre de 2013, o ritmo de crescimento do crédito à economia abrandou, tendo crescido cerca de 4% face aos valores do final de 2012. No decorrer destes primeiros meses do ano o sector agrícola continua a destacar-se apresentando um crescimento de 132%.

Crédito à economia - Análise comparativa por região

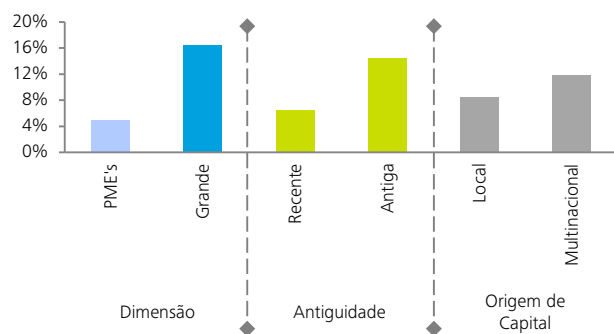


Fonte: Banco Mundial - Enterprise Surveys 2010 e Relatório Angola Economic Update 2013.

Apesar desta evolução positiva, a percentagem de empresas angolanas com pelo menos um financiamento activo, continua significativamente inferior ao registado na generalidade dos países da África Subsariana (SSA) e dos países de média e baixa renda (LMIC). De acordo com informação disponibilizada pelo Banco Mundial, um dos factores que mais contribui para este cenário é o facto de em Angola a percentagem de empréstimos que exige garantia ser consideravelmente superior aos restantes países analisados.

A exigência de garantias, tipicamente activos líquidos ou garantias pessoais, está relacionada com a dificuldade das instituições bancárias terem acesso a informação que comprove a capacidade creditícia das empresas. Pela sua natureza e estrutura, as empresas de maior dimensão, antiguidade e presença internacional apresentam maior capacidade para disponibilizar a informação e as garantias necessárias ao processo de concessão de crédito. Como é natural, isto implica que parte do tecido empresarial, em especial as pequenas e médias empresas, tenha maiores dificuldades de financiamento e consequentemente de expansão e crescimento do seu negócio. Apesar do cenário actual ainda não ser o desejável, a verdade é que ao longo dos últimos anos têm sido dados importantes passos para ultrapassar estes desafios. Entre 2006 e 2010, verificou-se uma evolução muito positiva, tendo a percentagem de PME's com acesso a financiamento praticamente duplicado.

Crédito à economia – Análise comparativa por tipologia de empresa



Fonte: Banco Mundial - Enterprise Surveys 2010.

Estudo da Banca em *Análise* 2013



Bases de preparação do estudo

A análise do sector resulta da compilação da informação pública disponibilizada pelos bancos que actuam no mercado e pelo Banco Nacional de Angola (BNA). Para comparação, foram ainda recolhidos alguns dados referentes a outros mercados, nomeadamente o português, brasileiro, sul-africano e norte-americano.

Os valores agregados do sistema, salvo quando expressamente mencionado, resultam do somatório dos valores de todos os bancos considerados no estudo. Este inclui os bancos a operar em Angola durante o ano de 2012, com a excepção do Banco Kwanza Investimento.

Os bancos a operar em Angola em 2012 eram os constantes na Figura 1, com excepção do Banco de Poupança e Promoção Habitacional o qual, embora já tenha a autorização de constituição do BNA, ainda não iniciou a actividade.

Introdução

2012 foi o ano de implementação de um conjunto de alterações regulamentares previamente definidas em 2011, nomeadamente ao nível da política monetária, política cambial e supervisão bancária.

O BNA, através do Comité de Política Monetária, teve em 2012 o primeiro ano completo de definição da Taxa Básica de Juro e das taxas das facilidades de cedência e absorção de liquidez. Logo no início do ano, a taxa básica de juro baixou para os 10,25% mantendo-se estável até ao final do ano. A descida da inflação para 9% - inferior a 10% como definido nos objectivos do BNA para o ano de 2012 – contribuiu para uma suave redução das taxas de juro de referência, que se repercutiu na diminuição dos custos de financiamento das instituições do sector bancário nacional, que por sua vez influenciaram as taxas de juro activas dos bancos comerciais. A estabilidade destas taxas funcionou como factor positivo no mercado e na própria economia do país, onde a LUIBOR¹ apresentou um comportamento também estável com um intervalo entre os 6,20% ao ano na maturidade *overnight* e os 10,66% ao ano na maturidade a 12 meses.

Figura 1 - Bancos em Angola em 2012

Sigla	Nome	Ano de início de actividade
BPC	Banco de Poupança e Crédito	1976
BCI	Banco de Comércio e Indústria	1991
BCGTA	Banco Caixa Geral Totta de Angola	1993
BFA	Banco de Fomento Angola	1993
BMA	Banco Millennium Angola	1993
BAI	Banco Angolano de Investimentos	1997
BCA	Banco Comercial Angolano	1999
SOL	Banco Sol	2001
BESA	Banco Espírito Santo Angola	2002
BRK	Banco Regional do Keve	2003
BMF	Banco BAI Microfinanças	2004
BIC	Banco BIC	2005
BNI	Banco de Negócios Internacional	2006
BPA	Banco Privado Atlântico	2006
BDA	Banco de Desenvolvimento de Angola	2006
BANC	Banco Angolano de Negócios e Comércio	2007
VTB	Banco VTB - África	2007
FNB	Finibanco Angola	2008
BKI	Banco Kwanza Investimento	2008
BCH	Banco Comercial do Huambo	2010
SBA	Standard Bank de Angola	2010
BVB	Banco Valor	2010
BPPH	Banco de Poupança e Promoção Habitacional	n.a.

¹ A LUIBOR consiste na taxa de juro média de referência das operações de cedência de liquidez não garantidas no mercado interbancário.

Foram também dados importantes passos na adopção do novo regime cambial aplicável ao sector petrolífero que entrou em vigor a 12 de Maio de 2012 com o Aviso nº20/2012. Este aviso veio estabelecer a obrigatoriedade da concessionária nacional e das sociedades investidoras, nacionais e estrangeiras, relacionadas com actividades de prospecção, pesquisa, avaliação, desenvolvimento e produção de petróleo bruto e gás natural efectuarem os pagamentos referentes ao fornecimento de bens e serviços através de contas em moeda nacional e estrangeira abertas em instituições financeiras bancárias domiciliadas em Angola. Desta forma, o sistema financeiro passará a beneficiar dos fluxos cambiais gerados pela actividade petrolífera, o que aumentará significativamente o número de transacções e, simultaneamente, reforçará o valor do Kwanza.

Relativamente à área de supervisão das Instituições Financeiras, o BNA definiu uma nova forma de organização da supervisão directa e indirecta e procedeu à criação de uma nova unidade responsável pela análise de risco sistémico e de sensibilidade (*stress tests*). No domínio da supervisão comportamental, foi criada uma nova unidade de estrutura vocacionada para assegurar o rigor e a transparência nas relações entre bancos e os seus clientes, bem como para garantir a defesa dos consumidores.

Também durante o ano de 2012 entraram em vigor novos normativos com o intuito de estabelecer medidas preventivas de combate ao Branqueamento de Capitais e Financiamento do Terrorismo (BC e FT), instituindo algumas das melhores práticas internacionais, passando a proibir e a prever a aplicação de sanções a situações comprovadas desta natureza.

Por fim, em 2012 a estrutura do Sistema de Pagamentos de Angola continuou a ser modernizada, existindo agora uma maior estabilidade e eficiência operacional. Entrou em funcionamento o Subsistema de Transferências a Crédito (STC) – destinado ao processamento e compensação de transferências electrónicas a crédito de retalho – e foi iniciado o desenvolvimento do Subsistema de Compensação de Cheques. Foi ainda aprovado o modelo de referência para o subsistema de pagamentos móveis, assente na utilização do telemóvel, procurando capitalizar e envolver os utilizadores de telemóveis em Angola.

De acordo com os dados publicados pelo BNA, a descida da inflação para 9% contribuiu para uma redução das taxas de juro de referência.



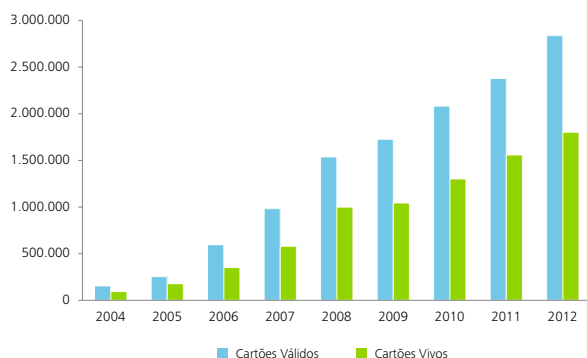
Meios electrónicos de pagamento

Os meios de pagamento electrónicos continuam a registar um forte crescimento no mercado nacional. O número de cartões de crédito e débito vivos² aumentou cerca de 16% em 2012, tal como os cartões válidos³ que registaram um crescimento de 19%.

No que se refere à rede de terminais, o número de Caixas Automáticas (ATM) e Terminais de Pagamento Automático (TPA) registaram um crescimento de 24% e 29%, respectivamente. O número de ATM aumentou para 2.014 em 2012, comparativamente a 1.629 em 2011, e o número de TPA cresceu para 23.545 terminais em 2012 face a 18.199 em 2011.

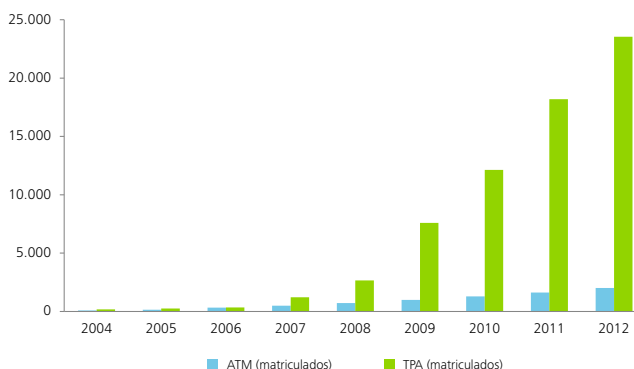
Adicionalmente, o número de transacções em 2012 cresceu cerca de 39% face a 2011, registando-se um aumento de 35% nas transacções realizadas em ATM e de 73% nas efectuadas em TPA. Assim, verifica-se que a evolução do número de TPA foi acompanhada pelo aumento ainda mais expressivo das transacções efectuadas, sinal da cada vez maior abertura dos agentes económicos para a utilização destes meios de pagamento.

Figura 2 – Cartões de Crédito e Débito



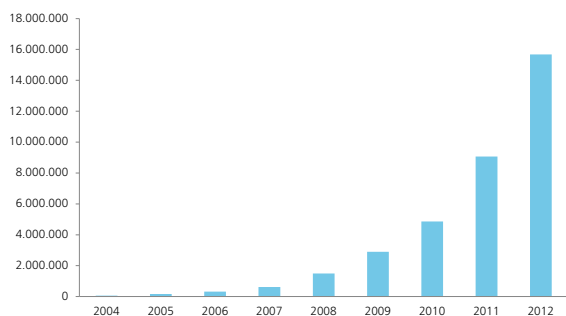
Fonte: Empresa Interbancária de Serviços.

Figura 3 – Rede de Terminais



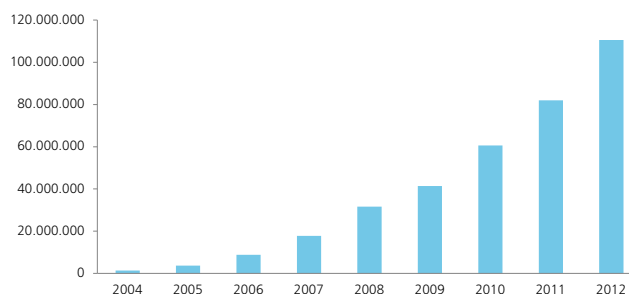
Fonte: Empresa Interbancária de Serviços.

Figura 4 – Transacções em TPA



Fonte: Empresa Interbancária de Serviços.

Figura 5 – Transacções em ATM



Fonte: Empresa Interbancária de Serviços.

² Os cartões vivos são cartões que apresentam pelo menos uma utilização.

³ Os cartões válidos são cartões emitidos que estão dentro do prazo de validade.

Estrutura de activos consolidada

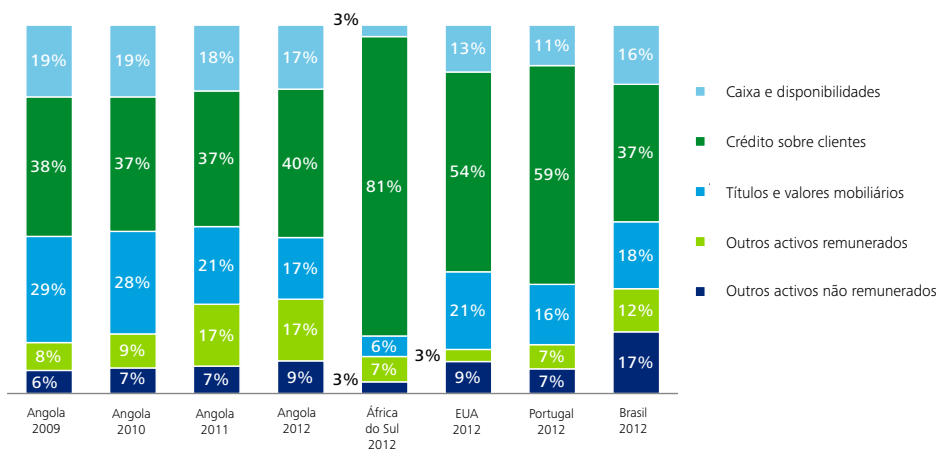
Em 2012, o volume de activos agregado dos bancos nacionais cresceu cerca de 15%, verificando-se algumas alterações ao nível da estrutura da sua composição.

O peso do crédito sobre clientes na estrutura global de activos em 2012 é de 40%, verificando-se um aumento de 3 p.p. face ao ano de 2011, uma percentagem que ultrapassa a do Brasil mas ainda distante de mercados mais maduros.

Relativamente às restantes componentes, estas registaram variações pouco expressivas.

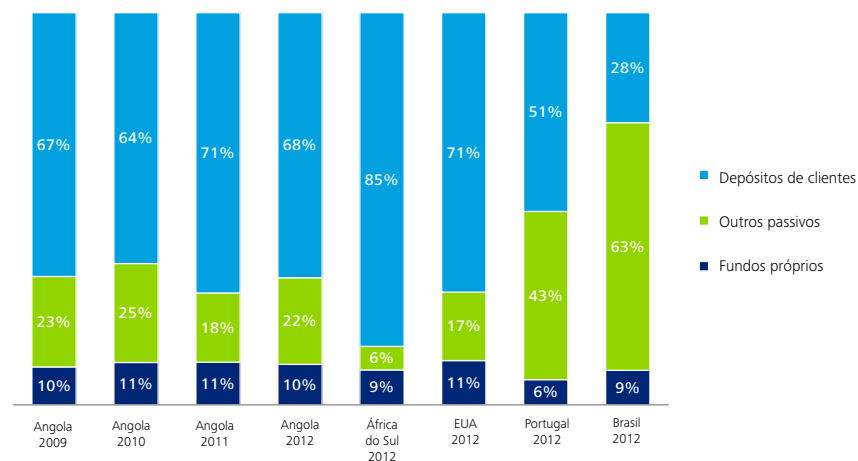
Na estrutura de financiamento do activo verificou-se uma redução do peso dos depósitos de clientes, de 71% para 68%, em contrapartida do aumento do peso dos outros passivos, de 18% para 22%.

Figura 6 – Estrutura de Activos



Fonte: Bancos Nacionais; Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Figura 7 – Estrutura de Funding

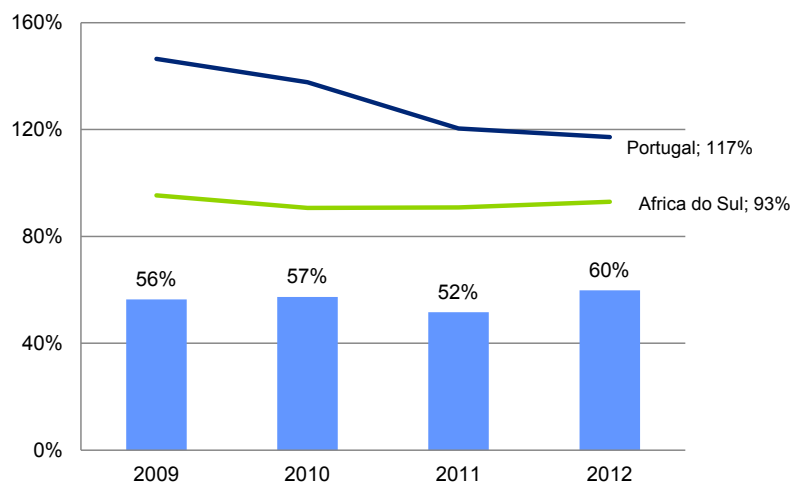


Fonte: Bancos Nacionais; Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Crédito líquido sobre depósitos

O ano de 2012 foi marcado por um crescimento do crédito líquido superior ao crescimento dos depósitos, o que se reflectiu no aumento substancial do rácio de transformação de 52% para 60%.

Figura 8 – Crédito Líquido sobre Depósitos



Fonte: Bancos Nacionais; Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Activos totais

O valor total dos activos das instituições financeiras em 2012 fixou-se em 5.897 mil milhões de AKZ, o que representa um crescimento de 15% face a 2011.

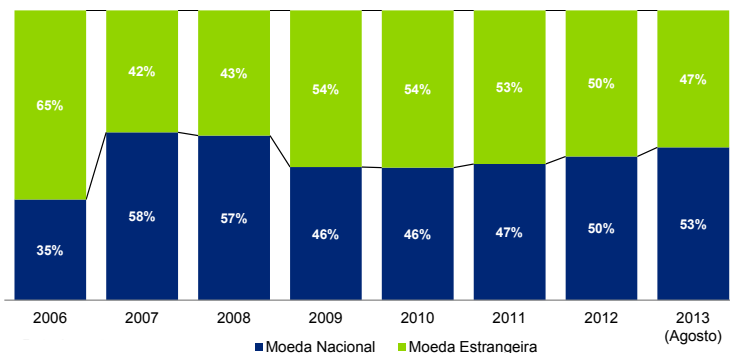
A posição relativa entre os cinco maiores bancos manteve-se inalterada face ao ano anterior. O BAI é o banco com a maior representação neste indicador, 17,5%, seguindo-se o BESA com 17,1%. Os cinco maiores bancos representam 74,4% do total do sector, o que confirma a tendência decrescente registada desde 2009, ano no qual o top 5 detinha 78% da quota de mercado.

Figura 9 – Ranking Total de Activos

2012			2011		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	17,5%	1	BAI	22,1%
2	BESA	17,1%	2	BESA	16,5%
3	BPC	15,6%	3	BPC	14,7%
4	BFA	12,9%	4	BFA	13,2%
5	BIC	11,3%	5	BIC	10,3%
6	BPA	5,0%	6	BPA	4,4%
7	BDA	3,1%	7	BMA	3,3%
8	SOL	3,0%	8	BDA	3,0%
9	BMA	3,0%	9	SOL	2,6%
10	BNI	2,7%	10	BCGTA	2,4%
11	BCGTA	2,6%	11	BNI	2,3%
12	BCI	1,8%	12	BCI	1,6%
13	BRK	1,5%	13	BRK	1,2%
14	SBA	1,1%	14	BCA	0,7%
15	BCA	0,6%	15	SBA	0,7%
16	FNB	0,5%	16	FNB	0,4%
17	BANC	0,3%	17	BANC	0,3%
18	VTB	0,2%	18	VTB	0,1%
19	BMF	0,2%	19	BKI	0,1%
20	BVB	0,1%	20	BVB	0,0%
21	BCH	0,1%	21	BCH	0,0%

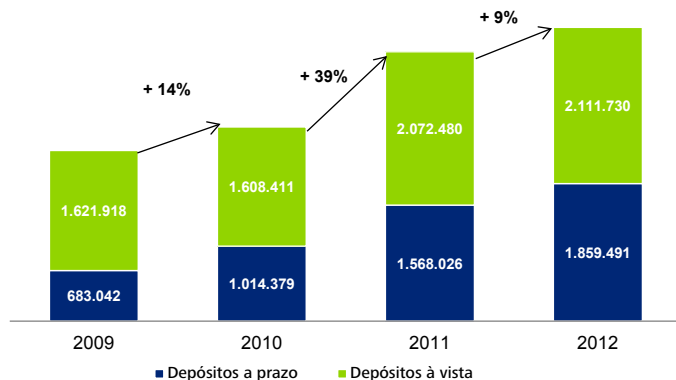
Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Figura 10 – Estrutura de Depósitos por Moeda



Fonte: Agregados BNA.

Figura 11 – Composição dos Depósitos dos Clientes



Unidade: Milhões de AKZ.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Depósitos de clientes

Visão agregada

O valor total dos depósitos de clientes no sector bancário nacional em 2012 foi de 3.971 mil milhões de AKZ, o que representa um crescimento de 9% face a 2011.

De acordo com informação do BNA, em Dezembro de 2011 permanecia a preferência por depósitos em moeda estrangeira, com 53% do total de depósitos de clientes. No entanto, em Dezembro de 2012 verificou-se uma distribuição igual entre as duas moedas e em Agosto de 2013, a situação inverteu-se com os depósitos em moeda nacional a representarem 53% do total de depósitos de clientes.

No que se refere à composição dos depósitos de clientes por natureza, o valor dos depósitos à ordem situa-se acima dos 2.111 mil milhões de AKZ, enquanto os depósitos a prazo ultrapassam os 1.859 mil milhões de AKZ. Devido à evolução do mercado e ao aumento da oferta de novos produtos, verifica-se a manutenção da tendência de diminuição do peso dos depósitos à ordem, que representavam 57% do total dos depósitos em 2011 e que passaram a representar 53% em 2012, em linha com o verificado nos últimos anos.

Posição Relativa dos Bancos

Com base na informação pública referente a 2012 disponibilizada pelos bancos, no que respeita aos depósitos, a posição relativa entre os cinco maiores bancos manteve-se inalterada face ao ano anterior. O BAI permanece líder com uma quota de 20,5%, seguindo-se o BFA com 16,8%.

Os cinco maiores bancos detêm no seu conjunto uma quota de mercado de 75,2%, valor inferior ao de 2011, que se situava nos 78,6%.

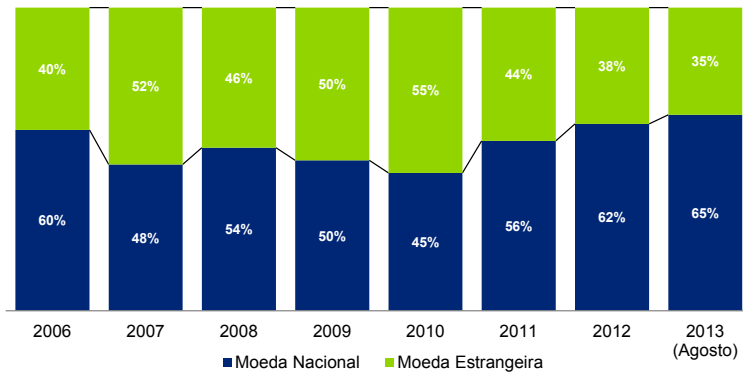
Figura 12 – *Ranking* Depósitos de Clientes

2012			2011		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	20,5%	1	BAI	27,4%
2	BFA	16,8%	2	BFA	16,2%
3	BPC	15,9%	3	BPC	15,9%
4	BIC	13,2%	4	BIC	11,5%
5	BESA	8,8%	5	BESA	7,6%
6	BPA	5,2%	6	BPA	4,8%
7	SOL	3,9%	7	SOL	3,3%
8	BNI	3,2%	8	BMA	3,1%
9	BMA	3,0%	9	BCGTA	2,4%
10	BCGTA	2,8%	10	BNI	2,4%
11	BRK	1,8%	11	BCI	1,6%
12	BCI	1,7%	12	BRK	1,4%
13	SBA	1,3%	13	BCA	0,8%
14	BCA	0,8%	14	SBA	0,7%
15	FNB	0,5%	15	FNB	0,4%
16	BANC	0,2%	16	BANC	0,3%
17	VTB	0,2%	17	BKI	0,2%
18	BVB	0,2%	18	VTB	0,1%
19	BMF	0,1%	19	BCH	0,0%
20	BCH	0,0%	20	BVB	0,0%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

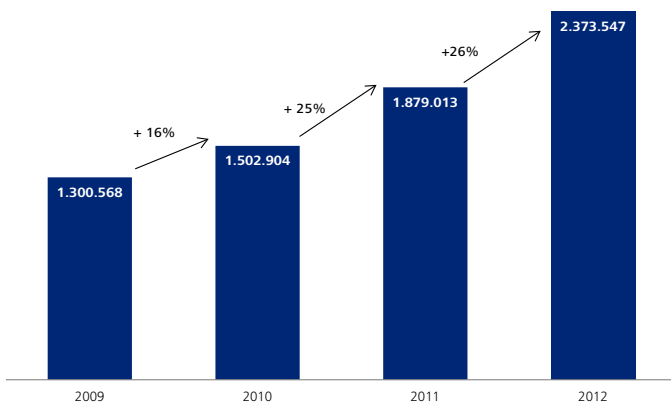


Figura 13 – Estrutura de Créditos por Moeda



Fonte: Agregados Monetários de Crédito do BNA.

Figura 14 – Crédito Líquido a Clientes



Unidade: Milhões de AKZ.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Crédito a Clientes

Visão agregada

O total de crédito interno no final de 2012 corresponde a 3.553 mil milhões de AKZ⁴, face a um valor de 3.018 mil milhões de AKZ no final de 2011.

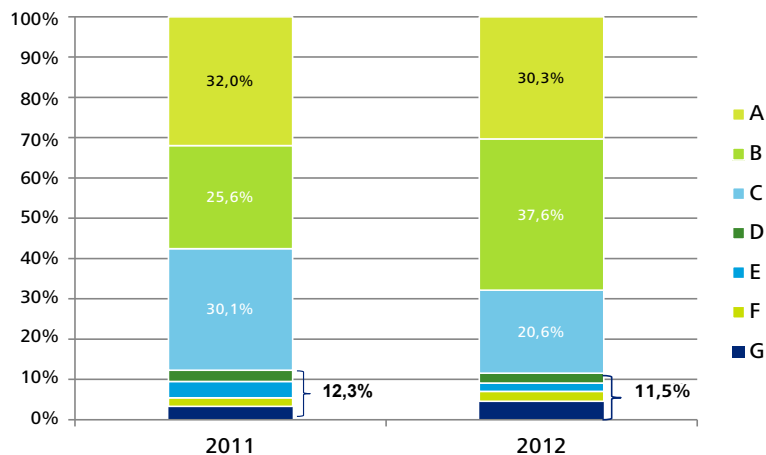
A repartição do crédito por moeda alterou a sua tendência de composição, tendo-se verificado o aumento de 6 p.p. no peso da moeda nacional entre 2011 e 2012, situando-se no final deste ano em 62%. Esta tendência continuou a verificar-se no primeiro semestre de 2013 e é resultado das políticas mais restritivas de concessão de crédito em moeda estrangeira e da progressiva redução das taxas de juro associadas à moeda nacional.

No que respeita ao crédito líquido a clientes, manteve-se a tendência de crescimento, a um ritmo igualmente expressivo ao do ano anterior. O seu valor agregado ultrapassou os 2.373 mil milhões de AKZ em 2012, o que corresponde a um crescimento de 26% face ao ano anterior.

⁴ Agregados Monetários de Crédito do BNA.

Analisando a segregação da carteira de crédito por nível de risco, verifica-se um aumento expressivo da carteira de crédito agregada com nível de risco B, correspondendo a cerca de 38% do total da carteira, por contrapartida, em parte, da redução da carteira de crédito de nível de risco C⁵.

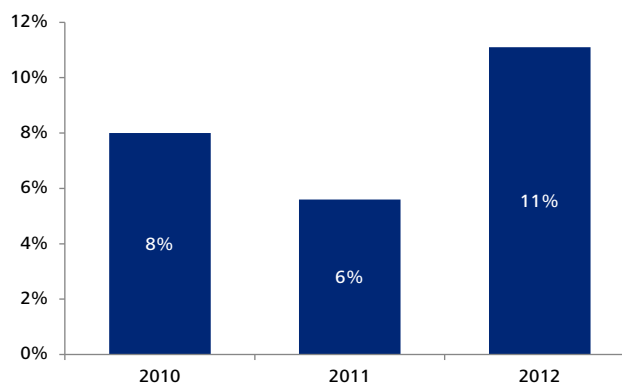
Figura 15 – Segregação da Carteira de Crédito por Níveis de Risco



Fonte: Anexos às Contas dos Bancos.

Relativamente ao rácio de crédito vencido, de acordo com a informação disponibilizada no Relatório e Contas do BNA verifica-se um aumento significativo face ao ano de 2011, para cerca de 11%.

Figura 16 – Crédito Vencido



Fonte: Relatório e Contas do BNA para 2012.

⁵ Para esta análise foram considerados 16 bancos que disponibilizaram os anexos às demonstrações financeiras.

Posição Relativa dos Bancos

Ao nível do crédito líquido a clientes, o grupo dos quatro maiores bancos mantém-se inalterado, com as mesmas posições relativas de 2011, verificando-se a subida do BPA para a quinta posição.

Os cinco maiores bancos detêm no seu conjunto uma quota de mercado de 76,2%, o que compara com 78,7% em 2011.

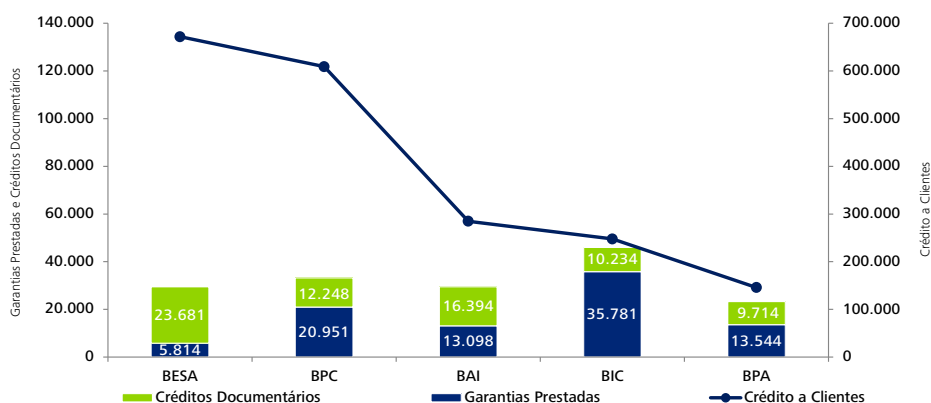
Figura 17 – Ranking Crédito Líquido a Clientes

2012			2011		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BESA	27,2%	1	BESA	25,5%
2	BPC	22,8%	2	BPC	21,4%
3	BAI	10,8%	3	BAI	15,2%
4	BIC	9,5%	4	BIC	9,9%
5	BPA	5,9%	5	BFA	6,7%
6	BFA	5,8%	6	BPA	6,0%
7	BNI	3,2%	7	BNI	3,3%
8	BDA	3,1%	8	BMA	3,1%
9	BMA	2,6%	9	BCI	1,8%
10	SOL	2,2%	10	BDA	1,8%
11	BCGTA	2,2%	11	SOL	1,7%
12	BCI	1,9%	12	BCGTA	1,4%
13	BRK	1,2%	13	BRK	1,3%
14	FNB	0,4%	14	FNB	0,4%
15	SBA	0,4%	15	BCA	0,2%
16	BMF	0,3%	16	BANC	0,2%
17	BCA	0,2%	17	VTB	0,1%
18	VTB	0,2%	18	SBA	0,0%
19	BANC	0,1%	19	BCH	0,0%
20	BVB	0,1%	20	BVB	0,0%
21	BCH	0,0%	21	BKI	0,0%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

No que diz respeito às garantias prestadas e créditos documentários, em 31 de Dezembro de 2012, o BESA, BPC, BAI, BIC e BPA apresentaram os volumes registados no gráfico abaixo:

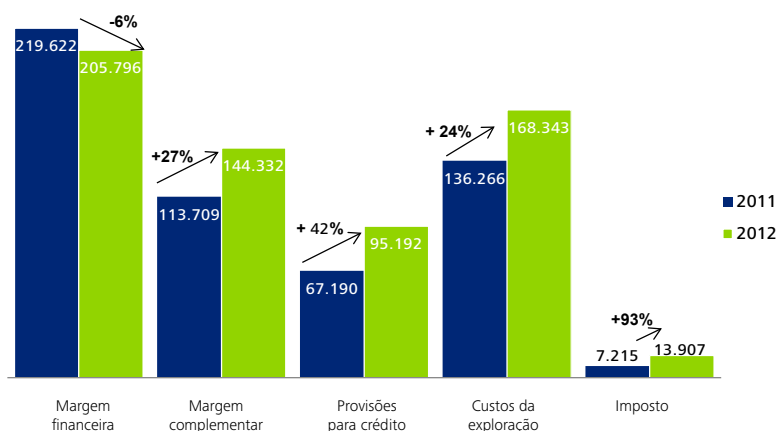
Figura 18 – Garantias Prestadas e Créditos Documentários



Unidade: Milhões de AKZ.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Figura 19 – Componentes do Resultado



Unidade: Milhões de AKZ.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Resultados

Visão agregada

O produto bancário do sector bancário nacional aumentou em 2012 para cerca de 350 mil milhões de AKZ, o que representa um crescimento de 5% face a 2011.

Assim, apesar da contracção de 6% da margem financeira, este crescimento resultou em grande medida do aumento verificado nos resultados de prestação de serviços financeiros (comissões). No entanto, a margem financeira continua a manter-se a componente com maior peso nos resultados dos bancos.

As dotações líquidas de provisões para crédito registaram em 2012 um crescimento de 42%, situando-se em cerca de 95 mil milhões de AKZ, o que compara com cerca de 67 mil milhões em 2011.

Os custos de exploração ascenderam a 168 mil milhões de AKZ, o que representa um crescimento de 24% face a 2011, reflexo do esforço dos bancos nacionais no crescimento das suas operações através do reforço da presença física em todo o País e do aumento do número de colaboradores.

O total de resultado líquido do sector diminuiu em cerca de 36%, para 81 mil milhões de AKZ em 2012 face aos 127 mil milhões em 2011.

Figura 20 – Ranking Resultados Líquidos

2012			2011		
Ranking	Banco	Resultado	Ranking	Banco	Resultado
1	BFA	20.976	1	BESA	31.820
2	BAI	17.217	2	BFA	23.746
3	BIC	16.106	3	BAI	20.198
4	BPC	7.816	4	BIC	14.906
5	BCGTA	5.608	5	BPC	13.296
6	BPA	5.603	6	BCGTA	4.767
7	BESA	5.442	7	BPA	4.739
8	BMA	4.824	8	BMA	4.130
9	BNI	3.379	9	BNI	3.220
10	SOL	2.876	10	SOL	2.364
11	VTB	1.417	11	VTB	935
12	BRK	1.388	12	BCA	903
13	FNB	1.087	13	FNB	880
14	BCA	677	14	BRK	629
15	BANC	46	15	BDA	598
16	BMF	9	16	BANC	292
17	BCH	-1	17	BCI	204
18	SBA	-983	18	BKI	121
19	BVB	-1.163	19	BCH	-215
20	BCI	-4.559	20	BVB	-288
21	BDA	-6.530	21	SBA	-744

Unidade: Milhões de AKZ.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Posição Relativa dos Bancos

No que se refere aos resultados, verificaram-se alterações no grupo dos cinco maiores bancos face ao ano de 2011, devido à redução do resultado do BESA e, consequentemente, à ascensão do BCGTA à quinta posição.

Os cinco maiores bancos detêm no seu conjunto uma quota de mercado de 83%, o que compara com 82% em 2011.

Rentabilidade

Visão agregada

No ano de 2012 verificou-se uma redução na rentabilidade dos capitais próprios médios (ROAE), que se situou nos 14%, em comparação com os 25% obtidos em 2011.

Figura 21 – Indicadores de Rentabilidade

Indicadores de Rentabilidade	2012	2011	2010	2009	2008
Margem Financeira	3,7%	4,8%	5,2%	3,6%	4,6%
Margem Complementar	2,6%	2,5%	2,4%	4,2%	3,0%
Retorno dos Activos Médios (ROAA)	1,5%	2,7%	3,4%	3,4%	3,3%
Taxa de Alavancagem	9,7	9,3	9,3	10,6	13,7
Retorno dos Fundos Próprios Médios (ROAE)	14,0%	25,4%	33,0%	39,9%	41,9%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Posição Relativa dos Bancos

No que respeita à rentabilidade, destaca-se o VTB com 49% e o BFA com 29%.

Figura 22 – Ranking de Rentabilidade (ROAE)

2012			2011		
Ranking	Banco	ROAE	Ranking	Banco	ROAE
1	VTB	49%	1	VTB	42%
2	BFA	29%	2	BESA	39%
3	SOL	26%	3	BFA	37%
4	BIC	24%	4	FNB	28%
5	FNB	20%	5	SOL	27%
6	BCGTA	20%	6	BIC	26%
7	BMA	19%	7	BAI	25%
8	BNI	19%	8	BCA	24%
9	BPA	19%	9	BPA	22%
10	BAI	18%	10	BNI	21%
11	BRK	16%	11	BMA	21%
12	BCA	15%	12	BCGTA	19%
13	BPC	9%	13	BPC	18%
14	BESA	5%	14	BKI	17%
15	BMF	3%	15	BANC	12%
16	BANC	2%	16	BRK	8%
17	BCH	0%	17	BDA	5%
18	SBA	-18%	18	BCI	2%
19	BCI	-46%	19	SBA	-29%
20	BDA	-72%	20	BVB	-30%
21	BVB	-87%	21	BCH	-45%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Eficiência

Visão agregada

Em 2012 verificou-se um novo aumento do indicador de custos gerais de exploração sobre o produto bancário (rácio *cost-to-income*), como resultado do contínuo esforço de expansão e consolidação da actividade dos bancos, bem como do crescimento mais moderado do produto bancário. Deste modo, este indicador aumentou para 48,1%, face aos 40,9% de 2011.

Figura 23 – Indicadores de Eficiência

Indicadores de Eficiência	2012	2011	2010	2009	2008
<i>Cost-to-Income</i>	48,1%	40,9%	38,1%	34,5%	37,7%
Rácio de Eficiência	2,1	2,4	2,6	2,9	2,7
Custos Operacionais (% Activos)	3,1%	3,0%	2,9%	2,7%	2,9%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Posição Relativa dos Bancos

Ao nível dos rácios de eficiência, destacam-se o VTB com um rácio de *cost-to-income* de 32,4%, o BCGTA com 35,3%, o FNB com 36,3%, o BIC com 37,6% e o BAI com 38,2%.

Figura 24 – *Cost-to-Income* (%)

2012			2011		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	VTB	32,4%	1	BESA	21,9%
2	BCGTA	35,3%	2	VTB	31,5%
3	FNB	36,3%	3	FNB	32,0%
4	BIC	37,6%	4	BDA	35,2%
5	BAI	38,2%	5	BAI	36,1%
6	BESA	39,8%	6	BPC	36,3%
7	BFA	44,0%	7	BIC	37,5%
8	BDA	44,3%	8	BFA	39,4%
9	BPA	44,5%	9	BCGTA	40,9%
10	BPC	49,3%	10	BNI	45,9%
11	BMA	54,0%	11	BMA	55,4%
12	BNI	58,8%	12	BPA	59,4%
13	BRK	60,1%	13	BCA	59,4%
14	BCA	67,6%	14	BCI	68,3%
15	SOL	70,4%	15	BRK	69,3%
16	BMF	86,5%	16	BANC	81,1%
17	BANC	92,9%	17	SOL	82,0%
18	BCI	122,2%	18	BKI	111,6%
19	SBA	130,3%	19	SBA	174,9%
20	BCH	222,9%	20	BVB	544,0%
21	BVB	574,8%	21	BCH	2593,9%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.



Conclusão

Ao longo do ano de 2012, a economia nacional continuou o percurso de recuperação que já tinha iniciado em finais de 2009. Voltaram a registar-se taxas de crescimento positivas do PIB, quer no sector petrolífero, quer no sector não petrolífero.

A evolução do sector bancário acompanhou a dinâmica de crescimento económico em todos os agregados tendo registado uma taxa de crescimento dos depósitos de clientes de cerca de 9%, e do crédito concedido a clientes de 26%.

A análise às demonstrações financeiras dos bancos mostrou a evolução negativa de alguns indicadores da actividade bancária, o que coloca novos desafios à gestão da receita e do risco. Assim, destaca-se a redução da margem financeira e o aumento das provisões para crédito, o que afectou negativamente os resultados líquidos dos bancos.

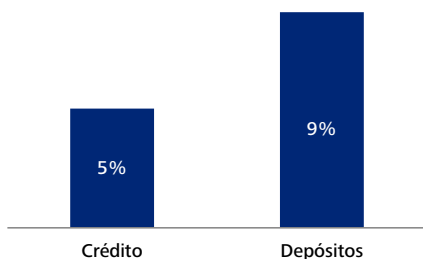
Colocando em perspectiva o ano em curso e de acordo com os dados divulgados pelo BNA, os depósitos e o crédito apresentam um crescimento até Agosto de 9% e 5%, respectivamente.

Por sua vez, o Ministério da Economia referencia que até Agosto de 2013 foram aprovados mais de 100 financiamentos num valor superior a 14.000 milhões de Kwanzas no âmbito do Programa Angola Investe. O principal desafio para a banca continua a ser a aplicação de criteriosos procedimentos de aprovação de crédito e a garantia de viabilidade dos projectos e do respectivo potencial impacto para o aumento do emprego e diversificação da economia nacional.

A Lei Cambial do Sector Petrolífero encontra-se em vigor na sua plenitude desde Outubro de 2013, e apresenta como desafio para o sector bancário a capacidade de alavancar a sua actividade no aumento dos fluxos financeiros em moeda nacional, sem menosprezar a necessidade de acomodar as respectivas exigências a nível operacional, em termos de eficiência e liquidez.

Para os bancos serem capazes de capitalizar sobre este mercado em forte expansão, inverter a tendência de resultados do ano transacto e fomentar um crescimento sustentável, deverão ser capazes de definir e implementar políticas adequadas de *pricing* e de aferição dos riscos.

Figura 25 – Taxas de Evolução dos Agregados de Depósitos e Créditos até Agosto de 2013



Fonte: Agregados BNA.



Demonstrações financeiras

Demonstrações financeiras

Balanço dos Bancos

2012	BAI	BCA	BCI	BMA	BESA	BFA	BIC	BPC
Activo								
Disponibilidades	263.332	8.411	20.050	30.185	57.949	142.881	124.896	125.796
Aplicações de Liquidez	282.297	16.092	23.262	15.940	137	205.063	89.776	77.097
Títulos e Valores Mobiliários	167.097	4.266	5.733	40.488	140.986	254.149	206.948	62.573
Instrumentos Financeiros Derivados	0	0	0	0	0	0	0	0
Créditos no Sistema de Pagamentos	0	100	0	100	35	0	32	0
Operações Cambiais	0	0	0	1.600	0	2.041	0	0
Créditos	257.314	4.506	45.488	61.727	645.646	136.777	225.812	539.996
Outros Valores	15.393	542	4.512	4.505	102.934	2.035	5.977	61.419
Inventários comerciais e Industriais	0	0	0	0	0	0	0	0
Imobilizações	47.996	2.735	7.469	20.980	59.530	16.957	10.751	52.487
TOTAL DO ACTIVO	1.033.429	36.652	106.514	175.525	1.007.217	759.903	664.192	919.368
Passivo								
Depósitos	815.204	29.843	69.387	117.956	349.112	668.113	525.785	629.491
Captação para Liquidez	9.583	0	0	21.331	547.907	4	26.259	81.817
Captações com Títulos e Valores Mobiliários	0	0	0	0	0	0	0	0
Instrumentos Financeiros Derivados	45	0	0	0	0	0	0	0
Obrigações no Sistema de Pagamentos	76.314	283	961	1.861	1.784	3.503	6.546	36.231
Operações Cambiais	15.357	62	0	1.583	0	2.044	0	31.730
Outras Captações	1.464	969	11.570	0	31	0	24.982	28.437
Adiantamentos de Clientes	2.356	0	0	0	0	0	0	0
Outras Obrigações	9.616	829	16.294	4.387	3.921	6.234	6.225	22.258
Provisões	4.039	59	874	697	433	5.628	1.520	3.480
TOTAL DO PASSIVO	933.978	32.045	99.086	147.815	903.188	685.526	591.317	833.444
Fundos próprios								
Capital	14.787	1.309	2.532	11.140	14.565	3.522	2.415	31.672
Reserva de Actualização Monetária do Capital Social	29	83	0	0	0	451	5.798	0
Reservas e Fundos	66.798	2.535	5.110	11.746	20.096	48.174	41.623	46.078
Resultados Potenciais	667	3	3.168	0	605	1.254	774	346
Reserva de Reexpressão	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultados Transitados	0	0	1.177	0	63.321	0	6.159	0
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado da Alteração de Critérios Contabilísticos	0	0	0	0	0	0	0	12
(-) Acções ou Quotas Próprias em Tesourarias	-47	0	0	0	0	0	0	0
Resultado do Exercício	17.217	677	-4.559	4.824	5.442	20.976	16.106	7.816
TOTAL DE FUNDOS PROPRIOS	99.451	4.607	7.428	27.710	104.029	74.377	72.875	85.924
TOTAL DO PASSIVO E FUNDOS PROPRIOS	1.033.429	36.652	106.514	175.525	1.007.217	759.903	664.192	919.368

Demonstração de Resultados dos Bancos

2012	BAI	BCA	BCI	BMA	BESA	BFA	BIC	BPC
1. Proveitos de Instrumentos Financeiros Activos	49.146	1.521	5.179	11.633	75.521	32.628	37.634	83.763
2. (-) Custos de Instrumentos Financeiros Passivos	-18.298	-358	-1.257	-3.243	-58.187	-10.923	-13.963	-29.165
3. Margem Financeira (1+2)	30.848	1.163	3.922	8.390	17.334	21.705	23.671	54.598
4. Resultados de Negociações e Ajustes ao Valor Justo	0	-2	0	0	0	18	781	282
5. Resultados de Operações Cambiais	12.330	961	-132	4.000	6.522	9.277	7.453	8.255
6. Resultados de Prestação de Serviços Financeiros	11.680	744	1.440	3.152	14.604	3.135	3.844	14.092
7. (-) Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa e Prestação de Garantias	-17.478	-52	-1.978	-1.040	-16.859	-1.841	-7.523	-28.432
8. Resultados Planos de Seguros, Capitalização e Saúde Complementar	0	0	0	0	0	0	0	0
9. Resultados de intermediação financeira (3+4+5+6+7+8)	37.380	2.814	3.252	14.502	21.601	32.294	28.226	48.795
10. (-) Custos Administrativos e de Comercialização	-20.953	-1.937	-6.390	-8.400	-15.294	-15.032	-13.458	-38.072
11. (-) Provisões sobre Outros Valores e Responsabilidades Prováveis	-2.036	-8	-344	-35	-192	41	-206	-2.051
12. Outros Proveitos e Custos Operacionais	776	-42	344	36	-330	3.417	2.397	1.039
13. Outros Proveitos e Custos Operacionais (10+11+12)	-22.213	-1.987	-6.390	-8.399	-15.816	-11.574	-11.267	-39.084
14. Resultados de Imobilizações Financeiras	-931	0	47	-1	-146	0	0	89
15. Resultado da Actualização Monetária Patrimonial	0	0	0	0	0	0	0	0
16. Resultado Operacional (9+13+14+15)	14.236	827	-3.091	6.102	5.639	20.720	16.959	9.800
17. Resultado não Operacional	3.495	3	-1.468	58	0	256	1.369	690
18. Resultado Cambial de Conversão para USD	0	0	0	0	0	0	0	0
19. Resultado antes dos Impostos e outros Encargos (16+17+18)	17.731	830	-4.559	6.160	5.639	20.976	18.328	10.490
20. (-) Encargos sobre o Resultado Corrente	-514	-153	0	-1.336	-197	0	-2.222	-2.674
21. Resultado do Exercício (19+20)	17.217	677	-4.559	4.824	5.442	20.976	16.106	7.816

Milhões de Kwanzas

BCGTA	BRK	BMF	SOL	BPA	BNI	BANC	BDA	VTB	FNB	BCH	SBA	BVB
40.165	19.688	1.921	53.116	49.715	44.787	3.742	469	6.171	9.863	1.562	17.399	2.566
27.587	22.185	0	59.787	41.365	5.677	2.745	88.826	161	5.001	0	14.514	1.100
24.902	8.443	0	2.777	25.343	12.819	1.034	9.116	482	1.311	547	14.124	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
127	160	1	756	49	10	96	0	11	312	30	1.303	5
0	0	0	424	1.897	774	269	0	0	0	0	0	0
51.206	29.226	6.138	51.597	140.037	75.825	3.212	73.124	3.903	10.012	392	9.528	2.079
362	684	578	1.940	9.985	6.793	1.892	8.506	92	734	212	2.626	43
0	0	0	55	0	0	0	353	0	0	0	0	0
7.300	5.428	1.045	8.186	25.020	15.461	2.164	5.014	476	1.464	412	2.482	1.222
151.649	85.814	9.683	178.638	293.411	162.146	15.154	185.408	11.296	28.697	3.155	61.976	7.015

112.668	70.630	3.502	154.469	204.753	125.102	9.474	0	6.380	19.345	1.772	52.022	6.210
86	0	5.199	0	45.175	6.201	520	0	0	0	0	0	0
0	0	0	4.679	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1.157	333	12	3.844	329	2.242	1.584	0	21	787	13	316	16
3	0	0	982	1.902	776	270	0	0	0	0	1	0
0	4.695	230	3	4.886	5.275	0	175.112	728	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6.956	704	66	1.754	3.138	2.962	58	4.440	1.000	1.364	277	2.171	20
1.419	454	0	858	1.131	377	14	204	48	16	0	27	20
122.289	76.816	9.009	166.589	261.314	142.935	11.920	179.756	8.177	21.512	2.062	54.537	6.266

8.575	4.000	1.597	1.378	19.055	6.039	3.094	4.019	1.400	4.330	1.368	9.530	2.200
802	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13.797	3.445	127	1.202	2.748	3.866	94	5.536	302	1.768	15	52	0
578	27	0	301	0	0	0	0	0	0	0	63	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	138	-1.059	6.292	4.691	5.927	0	2.627	0	0	-289	-1.223	-288
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5.608	1.388	9	2.876	5.603	3.379	46	-6.530	1.417	1.087	-1	-983	-1.163
29.360	8.998	674	12.049	32.097	19.211	3.234	5.652	3.119	7.185	1.093	7.439	749
151.649	85.814	9.683	178.638	293.411	162.146	15.154	185.408	11.296	28.697	3.155	61.976	7.015

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

BCGTA	BRK	BMF	SOL	BPA	BNI	BANC	BDA	VTB	FNB	BCH	SBA	BVB
6.565	4.968	1.216	9.427	19.310	9.163	607	9.338	501	1.986	46	2.126	119
-2.120	-1.546	-386	-2.727	-5.353	-3.478	-110	-4.059	-89	-841	-13	-427	-57
4.445	3.422	830	6.700	13.957	5.685	497	5.279	412	1.145	33	1.699	62
0	29	0	0	0	26	0	81	0	0	0	91	0
6.258	1.406	154	2.940	4.342	2.127	996	-367	978	1.245	64	1.384	143
2.509	1.855	160	3.249	3.311	2.317	217	2.558	1.867	824	40	1.028	63
-1.181	-585	-542	-1.049	-4.024	-424	59	-11.466	-29	-382	-1	-340	-26
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-3
12.031	6.127	602	11.840	17.586	9.731	1.769	-3.915	3.228	2.832	136	3.862	239
-4.658	-4.035	-990	-9.070	-9.610	-5.972	-1.589	-3.342	-1.056	-1.168	-304	-5.474	-1.540
-162	-100	0	-98	-420	-198	-40	-319	-8	0	0	0	0
449	0	405	1.104	-222	385	47	353	0	-32	7	0	7
-4.371	-4.135	-585	-8.064	-10.252	-5.785	-1.582	-3.308	-1.064	-1.200	-297	-5.474	-1.533
0	12	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7.660	2.004	18	3.776	7.334	3.946	187	-7.223	2.169	1.632	-161	-1.612	-1.293
6	-120	-9	220	136	184	-141	694	-2	11	2	0	130
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7.666	1.884	9	3.996	7.470	4.130	46	-6.530	2.167	1.643	-159	-1.612	-1.163
-2.058	-496	0	-1.120	-1.867	-751	0	0	-750	-556	158	629	0
5.608	1.388	9	2.876	5.603	3.379	46	-6.530	1.417	1.087	-1	-983	-1.163

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Balanço Consolidado

Milhões de Kwanzas

Activo	31-12-2012	31-12-2011
Disponibilidades	1.024.662	913.284
Aplicações de Liquidez	978.611	849.045
Títulos e Valores Mobiliários	983.139	1.078.472
Instrumentos Financeiros Derivados	0	0
Créditos no Sistema de Pagamentos	3.127	2.170
Operações Cambiais	7.006	6.373
Créditos	2.373.547	1.879.013
Outros Valores	231.760	164.666
Inventários comerciais e Industriais	409	812
Imobilizações	294.580	216.800
TOTAL DO ACTIVO	5.896.841	5.110.635

Passivo		
Depósitos	3.971.221	3.640.507
Captação para Liquidez	744.081	570.683
Captações com Títulos e Valores Mobiliários	4.679	717
Instrumentos Financeiros Derivados	45	44
Obrigações no Sistema de Pagamentos	138.137	68.430
Operações Cambiais	54.709	27.028
Outras Captações	258.382	182.440
Adiantamentos de Clientes	2.356	2.255
Outras Obrigações	94.673	47.434
Provisões	21.300	18.828
TOTAL DO PASSIVO	5.289.583	4.558.366

Fundos próprios		
Capital	148.525	131.429
Reserva de Actualização Monetária do Capital Social	7.161	7.337
Reservas e Fundos	275.113	220.743
Resultados Potenciais	7.786	6.262
Reserva de Reexpressão	0	0
Resultados Transitados	87.473	60.044
(-) Dividendos antecipados	0	0
Resultado da Alteração de Critérios Contabilísticos	12	0
(-) Acções ou Quotas Próprias em Tesourarias	-47	-47
Resultado do Exercício	81.235	126.501
TOTAL DE FUNDOS PRÓPRIOS	607.258	552.269

TOTAL DO PASSIVO E FUNDOS PRÓPRIOS	5.896.841	5.110.635
---	------------------	------------------

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Demonstração de Resultados Consolidada

Milhões de Kwanzas

	31-12-2012	31-12-2011
1. Proveitos de Instrumentos Financeiros Activos	362.398	375.658
2. (-) Custos de Instrumentos Financeiros Passivos	-156.603	-156.036
3. Margem Financeira (1+2)	205.795	219.622
4. Resultados de Negociações e Ajustes ao Valor Justo	1.305	3.286
5. Resultados de Operações Cambiais	70.336	63.850
6. Resultados de Prestação de Serviços Financeiros	72.690	46.574
7. (-) Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa e Prestação de Garant	-95.192	-67.190
8. Resultados Planos de Seguros, Capitalização e Saúde Complementar	-3	-155
9. Resultados de intermediação financeira (3+4+5+6+7+8)	254.931	265.987
10. (-) Custos Administrativos e de Comercialização	-168.342	-136.268
11. (-) Provisões sobre Outros Valores e Responsabilidades Prováveis	-6.176	-5.461
12. Outros Proveitos e Custos Operacionais	10.141	7.048
13. Outros Proveitos e Custos Operacionais (10+11+12)	-164.377	-134.681
14. Resultados de Imobilizações Financeiras	-924	-94
15. Resultado da Actualização Monetária Patrimonial	0	0
16. Resultado Operacional (9+13+14+15)	89.630	131.212
17. Resultado não Operacional	5.512	2.504
18. Resultado Cambial de Conversão para USD	0	0
19. Resultado antes dos Impostos e outros Encargos (16+17+18)	95.142	133.716
20. (-) Encargos sobre o Resultado Corrente	-13.907	-7.215
21. Resultado do Exercício (19+20)	81.235	126.501

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.

Indicadores Consolidados

	2012	2011	2010	2009	2008	2007
DIMENSÃO E CRESCIMENTO						
Crescimento de depósitos de clientes (%)	8,8%	39,0%	13,8%	65,1%	59,3%	45,4%
Crescimento de crédito líquido a clientes (%)	26,3%	25,0%	15,6%	59,3%	59,1%	82,9%
Crescimento dos activos	15,4%	24,2%	19,7%	29,2%	93,3%	62,1%
SOLIDEZ E LIQUIDEZ						
Fundos próprios/activo total (%)	10,3%	10,8%	10,7%	9,5%	7,3%	9,1%
Crédito líquido a clientes sobre depósitos de clientes (%)	60,1%	51,8%	57,6%	54,0%	55,9%	56,0%
Depósitos a prazo sobre depósitos totais (%)	46,8%	43,1%	38,7%	32,1%	17,8%	20,2%
QUALIDADE DOS ACTIVOS						
Provisões de crédito/ crédito total (%)	7,8%	6,8%	6,5%	4,2%	4,7%	3,8%
PERFORMANCE						
Rentabilidade dos fundos próprios médios (ROAE) (%)	14,0%	25,4%	33,0%	39,9%	41,9%	32,1%
Rentabilidade dos activos médios (ROAA) (%)	1,5%	2,7%	3,4%	3,4%	3,3%	2,9%
Receitas líquidas de juros / activos médios (%)	3,7%	4,8%	5,2%	3,6%	4,6%	4,8%
Margem complementar/ activos médios (%)	2,6%	2,5%	2,4%	4,2%	3,0%	3,7%
Produto bancário bruto / activos médios (%)	6,4%	7,2%	7,6%	7,8%	7,6%	8,4%
PRODUTIVIDADE E EFICIÊNCIA						
Custos de exploração/ produto bancário bruto (%)	48,1%	40,9%	38,1%	34,5%	37,7%	44,3%
Custos de exploração/ activos médios (%)	3,1%	3,0%	2,9%	2,7%	2,9%	3,7%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos.



Para mais informações, contacte-nos:

Luanda

Edifício KN10
Rua Kwamme Nkrumah, 10 – 2º
Luanda
Angola
Tel. + (244) 222 679 600
Fax + (244) 222 679 690

Lisboa

Ed. Atrium Saldanha
Praça Duque de Saldanha, 1 – 6º
1050-094 Lisboa
Portugal
Tel. + (351) 210 427 500
Fax + (351) 210 427 950

Porto

Bom Sucesso Trade Center
Praça do Bom Sucesso, 61 – 13º
4150-146 Porto
Portugal
Tel. + (351) 225 439 200
Fax + (351) 225 439 650

www.deloitte.pt

"Deloitte" refere-se à Deloitte Touche Tohmatsu Limited, uma sociedade privada de responsabilidade limitada do Reino Unido, ou a uma ou mais entidades da sua rede de firmas membro, sendo cada uma delas uma entidade legal separada e independente. Para aceder à descrição detalhada da estrutura legal da Deloitte Touche Tohmatsu Limited e suas firmas membro consulte www.deloitte.com/pt/about.

A Deloitte presta serviços de auditoria, consultoria fiscal, consultoria, corporate finance a clientes nos mais diversos sectores de actividade. Com uma rede, globalmente ligada, de firmas membro, em mais de 150 países, a Deloitte combina competências de elevado nível com oferta de serviços qualificados, conferindo aos clientes o conhecimento que lhes permite abordar os desafios mais complexos dos seus negócios. Os cerca de 200.000 profissionais da Deloitte empenham-se continuamente para serem o padrão da excelência.

Esta publicação apenas contém informação de carácter geral, pelo que não constitui aconselhamento ou prestação de serviços profissionais pela Deloitte Touche Tohmatsu Limited ou por qualquer das suas firmas membro, respectivas subsidiárias e participadas (a "Rede Deloitte"). Para a tomada de qualquer decisão ou acção que possa afectar o vosso património ou negócio devem consultar um profissional qualificado. Em conformidade, nenhuma entidade da Rede Deloitte é responsável por quaisquer danos ou perdas sofridos pelos resultados que advenham da tomada de decisões baseada nesta publicação.